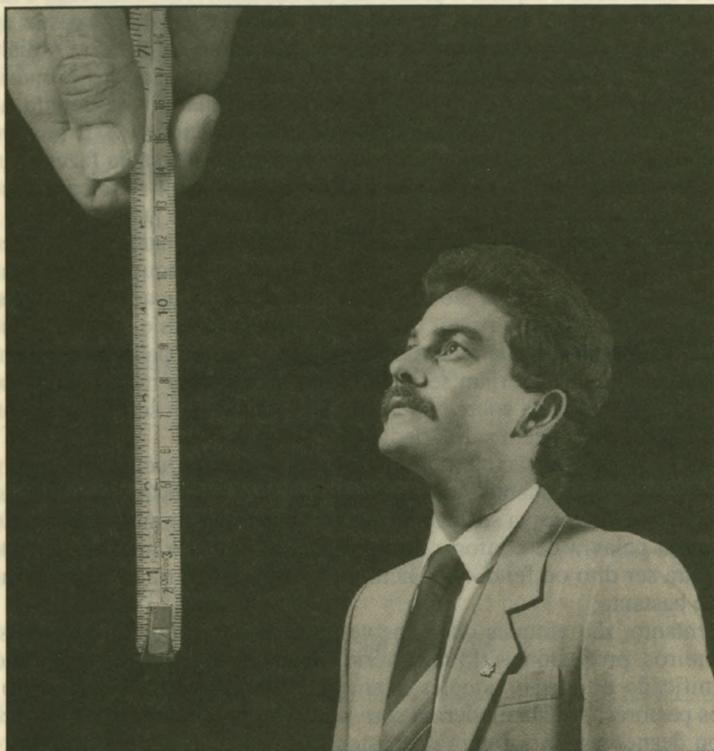

MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



Prós e contras da avaliação ministerial

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Pastor acima de tudo

Certo membro de uma igreja viu-se repentinamente despedido do emprego, em circunstâncias que o deixaram profundamente magoado. Com o objetivo de transmitir-lhe palavras de ânimo que o ajudassem a superar o problema, enfrentando confiantemente a nova realidade, alguns irmãos foram visitá-lo. Finalmente, depois de algumas semanas, o pastor apareceu.

Recebido cordial e respeitosamente, o ministro sentou-se e começou o diálogo. Tudo ia aparentemente bem, até que aquele pastor revelou pelo menos um dos propósitos da visita: "Eu realmente gostaria de saber os motivos pelos quais o irmão foi despedido, a fim de certificar-me se será preciso, ou não, tomar alguma medida disciplinar." É possível que ele se julgasse um atalaia que não pestanejava no posto do dever; que sabia fazer soar o alarme no momento exato. Certamente, seus líderes o consideravam um excelente obreiro, notável guardião das normas. Quanto dependesse dele, sua congregação jamais sofreria opróbrio. Ali estava ele, sempre pronto a "chamar o pecado pelo nome", ocupado em "purificar a igreja".

Tudo isso pode fazer parte das tarefas de um pastor. Mas, e aquele pobre irmão? Ele tinha diante de si um excelente obreiro, técnico, profissional, preocupado em manter a reputação da igreja. Onde estava, porém, o pastor que deveria ter nas mãos o óleo com que deveria ungir as feridas daquela alma? Onde estava o guia que deveria ter palavras de ânimo, confiança na providência divina, que deveriam ser partilhadas com aquela mente perplexa? Onde estava a mão que deveria ser posta sobre aquele ombro? Porventura seria deprimente se também deixasse cair lágrimas de sincera solidariedade?

"Quero estar certo de que não há motivos para disciplina." Quem no mundo precisa desse tipo de observação, num momento de angústia? Quando as portas estão cerradas, quando ouvidos se fecham, quando a treva se abate tornando incerto o caminho, o que todos nós necessitamos é de uma palavra de conforto, um sorriso sincero, u'a mão amiga estendida; e, se nada houver para ser dito ou feito, a silenciosa presença solidária de alguém que se importe conosco será o bastante.

Essas, no entanto, são atitudes dificilmente encontradas naqueles que são simplesmente excelentes obreiros, profissionais do ministério. Somente as revelam os que são pastores no profundo significado do termo, aqueles altamente vocacionados. E o rebanho parece estar carente desses pastores. A vida moderna, com sua correria e altíssima sofisticação tecnológica, não tornou desnecessária a figura do pastor. Ao contrário do que parece, o ser humano continua lutando com suas carências emocionais e profundas necessidades espirituais. Existem feridas que somente podem ser curadas pelo trabalho pastoral, uma vez que estão relacionadas com o aspecto espiritual da vida.

É lamentável que às vezes nos percamos em tantos senões ínfimos que somente agravam o sofrimento de pessoas que Deus colocou sob nossos cuidados. É profundamente lamentável que nos ocupemos tanto com o importante, que nos esqueçamos do essencial. Superestimamos acessórios como se fossem a peça fundamental. E nos afastamos da principal tarefa a nós confiada: a salvação e o cuidado de pessoas pelas quais Deus entregou a própria vida, na pessoa do Seu Filho Jesus Cristo. Aliás, Seu exemplo no trato com as pessoas expõe claramente a verdadeira prioridade do nosso trabalho. Não podemos incorrer no erro de priorizar coisas em detrimento das pessoas e suas necessidades.

Os membros das nossas igrejas estão clamando por pastores que se importem com eles e que pesem todos os seus temores, necessidades e angústias. É nosso dever atendê-los. — Zinaldo A. Santos.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 68 – Número 01 – Jan/Fev. 1997 – Periódico Bimestral

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 PASTOR ACIMA DE TUDO

Zinaldo A. Santos

ENTREVISTA

4 EVANGELISMO ATUAL

Mark Finley

ARTIGOS

7 MUDANÇAS NA MÚSICA SACRA

Lillianne Doukhan

11 PRÓS E CONTRAS DA AVALIAÇÃO MINISTERIAL

Leslie e Prudence Pollard

16 UM SÉCULO DE MILAGRES

Juan Carlos Viera

20 A MENSAGEM ADVENTISTA E O EVOLUCIONISMO

Marco T. Terreros

PASTOR

24 COMO PASTOREAR CRIANÇAS

Karen e Ron flowers

29 AFAM A SEGUNDA PRIORIDADE

Rich dubose

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Josias H. Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho; Izéas Cardoso.

Capa: Werner Bienemann

E-mail: saa@cpb.com.br

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO**

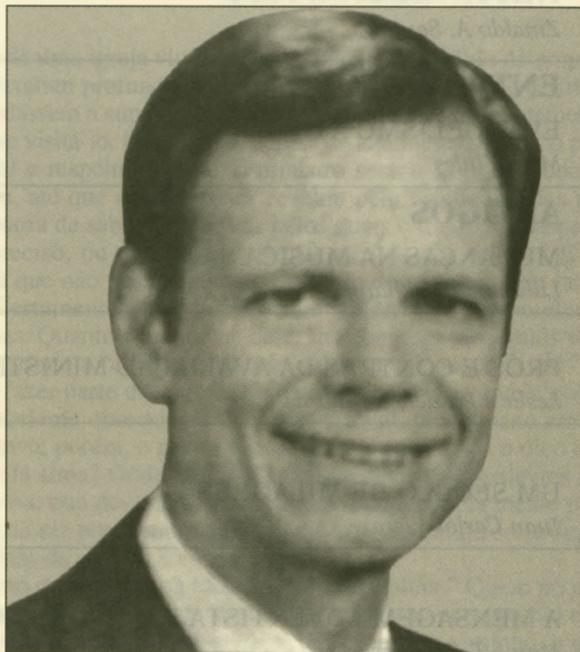
deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

3977

Evangelismo atual



Pastor Mark Finley

Em 1995, o evangelismo adventista viveu um novo tempo com a *NET 95*, campanha via satélite que obteve grande sucesso nos Estados Unidos, tendo como pregador o Pastor Mark Finley, orador do programa *Está Escrito* naquele país. A primeira transmissão foi

vista por 76 mil pessoas. Com o desenvolvimento da campanha, os batismos surgiram aos milhares. O êxito do programa levou à execução de uma segunda arrancada, a *NET 96*, novamente com o Pastor Finley. Dessa vez, porém, as transmissões ultrapassaram os limites dos Estados Unidos e alcançaram países europeus, interamericanos e sul-americanos. As mensagens na língua portuguesa foram traduzidas pelo Dr. Amin Rodor, brasileiro, ex-professor de Teologia no Salt-Iaene, e que, atualmente, serve como pastor na Associação de Ontário, no Canadá. Em meio às atividades da *NET 96*, desempenhadas a partir de Orlando, na Flórida, região Sul dos Estados Unidos, o Dr. Amin se dispôs a entrevistar o Pastor Mark Finley, para a revista *Ministério*, na qual ele fala sobre o verdadeiro sentido do evangelismo e como

ele pode alcançar com sucesso a mentalidade secularizada, predominante nos dias atuais.

MINISTÉRIO: *Quais foram os maiores desafios da fase de planejamento da NET 96?*

MARK FINLEY: Começamos a pensar no plano *NET 96* a

partir do que havia acontecido na série *NET 95*. Naquela ocasião, começamos a desenvolver a percepção de um evangelismo potencial, via satélite. Era algo inédito e nos perguntávamos se as pessoas estariam dispostas a ouvir um evangelista pelo satélite. Se assistissem, qual seria a resposta? Bem, nos Estados Unidos, 76 mil pessoas viram a abertura da *NET 95* e a resposta foi muito positiva. Tivemos milhares de batismos. Com a *NET 96*, o desafio maior era cruzar barreiras culturais. Como falaríamos, ao mesmo tempo, aos europeus, interamericanos, norte-americanos e sul-americanos? Nossas preocupações não estavam centralizadas na tecnologia, embora problemas técnicos pudessem atrapalhar a comunicação da mensagem. Tínhamos profissionais competentes e confiáveis para cuidar disso. O maior

desafio era, realmente, estabelecer contato ao cruzar as linhas das diferentes culturas.

MINISTÉRIO: *O que o senhor considera ter sido a maior realização do projeto?*

MARK FINLEY: A julgar pelas preocupações mencionadas, os resultados têm sido extraordinários. Não estou dizendo que não haja limitações culturais, mas quando você vê, por exemplo, a resposta da Alemanha, onde tivemos 13 mil pessoas no início, e depois de quatro semanas dez mil continuam assistindo; ou Portugal, América Central e Romênia, com milhares de telespectadores, isso é animador. Temos entre 400 e 500 mil pessoas em todo o mundo assistindo às programações. Podemos pensar em 50 mil batismos. O que é extraordinário para mim é verificar como o evangelho transcende barreiras culturais. Quando o Espírito Santo trabalha nos corações, Ele Se eleva acima de qualquer limite.

MINISTÉRIO: *Diante das preocupações iniciais e do êxito presente, quais são as suas maiores expectativas futuras?*

MARK FINLEY: Minha maior expectativa quanto à NET 96 é que haja, nos 48 países participantes do projeto, um reavivamento do evangelismo cristocêntrico adventista. Minha expectativa vai além do número de batismos, para abranger o desenvolvimento, dentro do coração dos pastores, administradores e leigos, do sentimento de que o evangelismo ainda funciona na era moderna e que as pessoas podem ser alcançadas onde estão. O evangelho é relevante e satisfaz às necessidades das pessoas que vivem no século 20. Um dos meus grandes anseios é ver um reavivamento do espírito de evangelismo. Um reavivamento da paixão missionária, daquele sentimento de que Deus está ativo no controle.

MINISTÉRIO: *Parece haver uma preocupação de que o evangelismo tradicional não esteja apelando à mente secularizada. Em seu julgamento, que adaptações seriam necessárias para solucionar esse problema?*

MARK FINLEY: Orlando não é um lugar fácil para o evangelismo. É a capital mundial do divertimento, com a Disneylândia e tudo o mais. Uma cidade altamente secularizada. Mas iniciamos aqui um trabalho

de preparo que durou quase um ano e meio. Desenvolvemos seminários sobre como fazer amigos, preparando a igreja para tratar com os diferentes tipos de pessoas na comunidade; realizamos seminários sobre saúde, nutrição e outros, oferecemos cursos sobre profecias. Durante todo esse tempo, envolvemos a irmandade, não esquecendo o ministério da oração em cada congregação e igreja da área. Tudo isso, para realizar cinco semanas de evangelismo. E vamos batizar umas 350 pessoas, entre filhos de adventistas, ex-adventistas, pessoas que foram atraídas pela propaganda e pessoas que participaram da fase preparatória. O maior percentual de batizados será de amigos que foram contatados pessoalmente. O que estou dizendo é que, para mim, evangelismo não é um evento, mas um processo. Podemos alcançar pessoas secularizadas. Elas responderão diretamente à pregação na medida em que sua mente e coração forem devidamente preparados. Para isso, a congregação deve ser totalmente envolvida. Se você trouxer uma pessoa secularizada, diretamente da rua, para uma programação de cinco semanas, suas perguntas serão tantas e tão grandes que será muito difícil alcançá-la. Mas se um amigo adventista partilha com ele, no contexto do lar, quando os preconceitos podem mais facilmente ser desfeitos, o evangelismo apenas concentrará a mensagem, tornando mais fácil a decisão.

MINISTÉRIO: *Há dois aspectos cruciais em sua resposta: primeiro, o evangelismo como processo; segundo, o envolvimento dos membros da igreja.*

MARK FINLEY: Exatamente. Talvez aqui esteja um dos problemas do método tradicional de evangelismo, que o trata como evento. Você imprime convites, escolhe três pessoas para auxiliarem o evangelista, este sobrevive durante cinco semanas e, quando termina o trabalho, cai exausto. É um evento. Eu vejo o evangelismo como um processo, envolvendo a própria vida da Igreja. O evangelismo entra pela ação de Cristo na própria textura da vida congregacional e, assim, meu papel como evangelista é olhar a cidade a longo prazo, não em termos de cinco ou dez semanas. Mas observá-la, estudá-la por um ano, um ano e meio de antecedência, como Paulo trabalhou em Éfeso ou Filipos. Eu penso que isso é, realmente, o fundamento do sucesso no evangelismo atual.

MINISTÉRIO: *O que o senhor pensa que devemos saber sobre ouvintes de mente secularizada para que nossa pregação faça sentido para eles?*

MARK FINLEY: O evangelismo, em sua melhor expressão, apresenta Cristo no centro de cada doutrina e ministra às necessidades das pessoas. Então, precisamos conhecer as necessidades básicas do homem moderno, tais como aceitação, perdão, esperança, direção e significado para a vida, possibilidade de um novo começo como novas criaturas em Cristo. Evidentemente, para chegar até aí, também necessitamos construir pontes de contato com essas pessoas. Não deveríamos presumir que todas as pessoas que vêm às nossas reuniões aceitam a Bíblia, ou acreditam na existência de um Deus pessoal. Houve um tempo em que isso poderia até ser feito, mas hoje temos de construir pontes racionais. Há duas áreas nas quais tenho colocado ênfase: primeira, as “janelas” nos sermões, para que falemos às pessoas cujas vidas estão se desintegrando, no nível existencial. Assim, atendemos às suas necessidades emocionais. O outro aspecto provê evidências adequadas para a fé, para que a mentalidade intelectual perceba a fé como algo razoável. Esse é um ponto muito importante, frequentemente desconsiderado.

MINISTÉRIO: *Em outras palavras, somos ouvidos na medida em que somos relevantes, racional e emocionalmente. Mas o senhor não acha que nessa tentativa corremos o perigo de perder nossa identidade bíblica adventista?*

MARK FINLEY: Eu creio que a mencionada relevância é fundamental. Por outro lado, não penso que devamos sacrificar nossa identidade por sua causa. Isso porque, basicamente, as duas coisas não se excluem. Nossa mensagem doutrinária pode ser extremamente relevante. Existem pessoas entre nós que julgam que para sermos relevantes temos de nos afastarmos da ênfase escatológica da Igreja Adventista, particularmente no contexto dos livros de Daniel e Apocalipse. Meu ponto de vista é este: o que pode ser mais relevante do que o sábado, num mundo em que a vida das pessoas está em pedaços, onde elas se sentem altamente estressadas? Num mundo onde as doenças do coração estão matando

tanta gente, o que poderia ser mais relevante do que a mensagem do sábado, mostrando o repouso em Cristo? O que poderia ser mais relevante do que a mensagem do segundo advento, num mundo poluído, caótico, no qual as questões econômicas, ecológicas e de segurança são preocupação constante? Quando você vê os milhares de refugiados de Ruanda ou do Zaire, você sabe que eles necessitam de alimento para o estômago. Mas eu lhe digo que todo alimento do mundo não vai resolver seu problema básico. No entanto, se eles puderem agarrar-se a um refúgio sólido, à esperança da volta de Jesus Cristo, isso pode elevá-los acima do desespero. Assim, eu vejo a pregação doutrinária adventista como relevante para o nosso tempo. As doutrinas, em sua apresentação lúcida, cristocêntrica, têm um extraordinário poder para satisfazer as necessidades de homens e mulheres do nosso tempo.

MINISTÉRIO: *Mesmo a doutrina do Santuário que, segundo alguns criam até pouco tempo, subverte a segurança e certeza do evangelho, tem um grande potencial de relevância para o homem moderno.*

MARK FINLEY: Absolutamente correto. Sem dúvida, a doutrina do Santuário pode ser apresentada em termos de extrema relevância para pessoas que se sentem culpadas, condenadas e incertas do seu valor. Quando você entende o Santuário, onde Cristo é o Cordeiro morto; quando você vê essa mensagem no contexto do grande conflito, e particularmente na hora do julgamento, Deus revela diante de todo o Universo, que Ele fez tudo o que era possível para salvar a todos; que Cristo pagou o “salário do pecado”; enviou Seu espírito aos corações e mentes. Ele pergunta ao Universo: “Poderia Eu ter feito algo mais?” Em suma, Deus está dizendo que os imensos recursos do Céu estão disponíveis igualmente a todos, e a resposta humana é que faz a diferença no resultado final. Assim, a doutrina do Santuário é relevante, porque ela atribui extraordinário valor pessoal a cada homem e mulher, num tempo em que a baixa estima esmaga e aflige os seres humanos. Saber que o Deus do Universo me considera tão valioso, a ponto de não medir nenhum custo na tentativa de me salvar, pequena partícula que sou na imensidão universal, é tremendamente fantástico. (Continua)

Mudanças na música sacra

LILLIANNE DOUKHAN

Ph.D., professora assistente de Liturgia e Música na Igreja, na Andrews University, EUA

Periodicamente, através da História, a Igreja tem sido confrontada com o problema da introdução de novos elementos, estranhos a uma prevalecente tradição. No contexto do canto congregacional, a discussão sempre esteve centralizada na infiltração de elementos seculares. Neste artigo, pretendemos não somente apresentar a situação em si, mas também mostrar como as pessoas reagiram às mudanças ocorridas, em seu tempo, e tirar lições aplicáveis aos dias atuais.

Música secular na igreja

O ressurgimento do elemento popular na música da igreja tem sido um fenômeno constante através da História. Os heréticos arianos usavam o poder de melodias populares para disseminar falsas doutrinas através do canto.¹ Efraim Syrus, de Antioquia, um dos pais da Igreja no quarto século, não hesitou em recuperar essas melodias, dizendo-se consciente de seu efeito "agradável".² Novecentos anos mais tarde, reagindo ao duro formalismo da Igreja e desejoso de que os hinos fossem mais cristocêntricos, Francisco de Assis também integrou melodias e ritmos con-

temporâneos ao seu louvor.³

Martinho Lutero, também reagindo contra o estilo formalista de culto na Igreja de seu tempo, usou melodias e ritmos familiares ao povo para seus corais.⁴ Ao contrário de Calvino, Lutero não percebia a Igreja como separada da sociedade; em sua filosofia, os elementos seculares podiam ser transformados de acordo com uma nova compreensão.

Durante o fim do século XVII e o início do século XVIII, os pietistas, em reação contrária ao escolasticismo da Igreja protestante, rejeitaram o estilo de ópera característico da música de arte, e adotaram hinos cujos ritmos tinham características dançantes. Na Inglaterra, João Wesley tinha a idéia de que a melodia dos hinos deveria ser acessível, de modo que todos pudessem participar no canto e expressar sua aceitação pessoal da salvação. Para grande descontentamento dos oficiais da Igreja, ele adaptou melodias populares, valendo-se de muitas fontes.⁵

Chegando ao século passado, o canto de hinos era um elemento significativo durante as reuniões campais e o Grande Despertamento. Essa prática tinha o propósito de ser um meio para comunicação do evange-



lho, por meio de uma linguagem simples e direta, e de uma maneira efetiva para homens e mulheres comuns. As melodias desses cânticos espirituais ou evangélicos eram bem populares, fáceis de ensinar e de aprender, em sua maioria, adaptadas de cânticos folclóricos bem conhecidos. Algumas delas, usadas nas reuniões de reavivamento protagonizadas por Moody e Sankey, no fim do século XIX, foram herdadas de Stephen Foster.⁶ William Booth, fundador do Exército da Salvação, partilhava a mesma filosofia.

Esse desejo de reintroduzir a simplicidade da música popular na experiência do culto brotava, freqüentemente, de uma reação à pompa e à formalidade que caracterizavam a religião oficial. Além disso, até aquele momento na História, a congregação ficava geográfica e, com freqüência, fisicamente separada por um biombo do coro da igreja, o local onde o ofício do culto tinha lugar.⁷ O estilo suntuoso da Igreja bizantina ocasionou os hinos antifônicos simples de Ambrósio; a luxúria da liturgia romana dirigiu a convicção de Lutero em relação à necessidade de hinos próximos do povo. Essas "reformas" correspondem então a um tempo de reavivamento e reforma, um tempo quando os reformadores decidiram colocar a música de volta nas mãos do povo.

A reação oficial da Igreja a essas inovações muito freqüentemente resultou em proibição parcial ou total da participação congregacional no serviço. Entre os possíveis motivos para uma decisão tão radical, poderíamos enumerar o medo do sincretismo ou enfraquecimento dos poderes eclesiásticos, suspeita de que a espontaneidade do povo pudesse comprometer o caráter transcendental do ato de adoração, ou simplesmente uma preocupação pelo continuísmo da tradição.

O Concílio de Laodicéia, convocado pelos pais da Igreja em 367 d.C., decidiu proibir o canto congregacional, a fim de evitar o uso de melodias seculares, bem como proibir a utilização de instrumentos, para que não fossem feitas associações pagãs. Uma decisão semelhante foi tomada por ocasião do Concílio de Trento (1545-1563). O canto congregacional já não era parte da Missa, mas foi relegado aos momentos extra-litúrgicos da devoção popular. Juntamente com a eliminação da participação congregacional

na Missa, o Concílio também proibiu o uso de elementos seculares, tidos como "lascivos e impuros"⁸ como uma base para a composição da Missa, uma prática que tem sido disseminada por 200 anos.

Fontes de resistência

A resistência em relação às mudanças na área de música na igreja, não foi de domínio exclusivo dos líderes eclesiásticos. Muitos protestos vieram de dentro da própria congregação. É digno de nota que tais reações não ocorreram unicamente quando as alterações afetavam verdades teológicas e valores morais. Aparentemente, as mudanças eram, por si mesmas, o problema. O "novo" era mau simplesmente porque era novo. Alguns dos argumentos apresentados naqueles tempos tinham sabor muito contemporâneo.

Em 1712, Thomas Symmes, que encorajou uma nova maneira de cantar (usando partitura), em contraposição à prática do canto pela prática, relata algumas das reações verificadas: "Embora na polida cidade de Boston a nova modalidade de canto tenha encontrado boa aceitação, no campo, onde as pessoas são mais rústicas, alguns velhos mal-humorados desferem testemunhos fortes contra essa inovação, e ... não apenas ... classificam o cântico destes cristãos como um louvor ao demônio, como também saem da reunião e voltam para casa, assim que o serviço tem início."⁹

Entre as objeções, nós encontramos as seguintes: "É uma nova maneira, uma língua estranha. Não é tão melodiosa quanto a maneira usual. ... A prática causa distúrbios, e leva o povo a se comportar desordenada e indecentemente. ... Os nomes dados às notas (dó, ré, mi) são indecentes e também blasfemos. É um modismo desnecessário, desde que nossos pais alcançaram o Céu sem ele."¹⁰

Agitação na igreja

É um fato bem conhecido que a introdução de "novos" instrumentos também criaram tumulto na comunidade cristã. Tal foi a situação vivida na Nova Inglaterra, no final do século XVIII. Uma igreja da região teve de recusar um órgão que lhe foi ofertado pelo tesoureiro da Universidade Harvard, sob o argumento de que "se fosse permitido o uso de órgãos, logo outros instrumentos também o seriam, e, então, o local se tornaria um salão de danças."¹¹

Finalmente, “a igreja de Brattle Street rendeu-se ao inevitável e decidiu aceitar o órgão, mas, mesmo assim, houve uma amarga discórdia na congregação. Um irmão muito rico suplicou com lágrimas que a casa de Deus não fosse profanada, prometendo ofertar o equivalente ao preço do instrumento, desde que ele fosse lançado no fundo do porto de Boston. Gradualmente, porém, a oposição foi diminuindo”.¹²

Da mesma forma que o órgão foi considerado um instrumento secular, para o qual não haveria lugar na igreja, os instrumentos usados por J. S. Bach, em sua “Paixão de São Mateus” também foram considerados sacrílegos naqueles tempos. “Quando numa grande cidade a música de Bach foi tocada pela primeira vez, com doze violinos, muitos oboés, fagotes e outros instrumentos, muitas pessoas ficaram assustadas sem saber o que fazer. Num lugar especial do templo, muitos ministros, senhores e senhoras nobres estavam presentes, acompanhando o coral com muita devoção. Mas quando os instrumentos foram acionados, toda aquela gente ficou grandemente perplexa, olhando um para o outro e dizendo: ‘O que será isto?’ Uma viúva da nobreza gritava: ‘Salve-nos Deus, meus filhos! É justamente como se fosse uma comédia de ópera!’ Mas todos estavam sinceramente ofendidos por aquilo, e se queixaram abertamente. Há, é verdade, algumas pessoas que ainda têm prazer nessas coisas infundadas.”¹³

Dificuldade para mudar

Os exemplos anteriores demonstram como é difícil mudar, mesmo se isso for para melhor. Na verdade, a mudança é sempre um processo doloroso, porque nós gostamos de conservar o que é familiar, confortável e não ameaça. Além disso, o valor do que é antigo é associado a tradição, estabilidade e ausência de mudança.

Tradição é, freqüentemente, um assunto de sentimento familiar, com o qual nós crescemos, e acaba sendo interpretado como verdade. A música antiga carrega também a aura de ser consagrada pelo passado. Antiguidade torna-se uma recomendação em si mesma. Hoje, a veneração do passado é essencialmente uma conseqüência do Romantismo. Realmente foi a compreensão romântica do mundo como uma unidade orgânica que despertou o interesse na origem das coi-

sas, e assim levou à consideração dos tempos passados como valiosa e digna de interesse.

Depois daqueles tempos, a música feita por compositores contemporâneos tem sido ofuscada por concertos que apresentam obras históricas. Antes do século XIX, não era comum a execução de obras musicais muito antigas, tanto nas igrejas como em auditórios seculares. É um fato bem conhecido que J. S. Bach, por exemplo, produzia uma nova cantata cada domingo, o que, a propósito, explica as numerosas apropriações de suas obras, bem como das de outros compositores antigos, uma prática difundida há muito tempo. Tais apropriações envolviam fontes seculares ou sacras.

Os exemplos também confirmam o problema de apropriação de elementos musicais seculares familiares à congregação. E isso é o que grandes personalidades eclesásticas fazem desde o princípio. Examinando mais profundamente a questão, parece que as razões dessa tensão residem no conflito entre dois ideais diferentes para música na igreja. Por um lado, notamos a preocupação por meios relevantes de participação congregacional, uma maneira de o povo se alegrar e cantar junto sem treinamento musical particular, enfatizando os aspectos humanos da religião. Por outro lado, também notamos a preocupação pelo elevado ideal da música eclesástica, como uma expressão transcendental de Deus e da verdade, um meio para elevar o pensamento humano ao Criador.

De fato, as duas preocupações são legítimas e deveriam trabalhar de mãos dadas numa saudável e necessária tensão. A fim de que a música na igreja se torne uma autêntica expressão de louvor, ela deve ter implícitos tanto os aspectos transcendentais como antropológicos. Deve ser apropriada às circunstâncias, e daí traduzir o elevado caráter do louvor; mas também deve ser relevante e comunicada numa linguagem que seja facilmente compreendida para uma participação mais espontânea.

As lições da História

A primeira lição que podemos tirar da História é, por conseguinte, uma lição de abertura e flexibilidade. Entretanto, se esses princípios ainda são aplicáveis hoje, permanece uma intrigante questão: pode a História ser usada como um modelo perfeito para os dias atuais? Em outras palavras,

como podemos usar os elementos seculares em nosso canto congregacional? Para responder essa questão de maneira apropriada, devemos não somente considerar os paralelos com a História passada, anteriormente descrita, mas também ser sutilmente cômicos das diferenças. Realmente, a situação atual traz novos elementos específicos que tornam o processo de mudança muito mais complexo e certamente mais delicado. Eu assinalaria aqui pelo menos dois elementos:

Primeiro, nos tempos históricos, a introdução de música secular foi proposta e monitorada por teólogos, e realizada por profissionais do ramo. Muitos dos reformadores falam não apenas de adoção, mas de adaptação. Alguns pais da Igreja eram treinados na música, e o mesmo era verdade em relação a Lutero, que trabalhava intimamente com eminentes compositores, como Johann Walter. Esses músicos eram especialistas tanto na música secular como na música sacra, e sabiam como manipular a linguagem para qualquer um dos dois modelos.

A atual reforma da música religiosa, iniciada pelo Concílio do Vaticano II, é maiormente o resultado de um movimento fundamentado na máxima "Do povo e para o povo". A iniciativa para reforma freqüentemente vem diretamente da congregação, e, na realidade, é feita pelo povo que forma a congregação.

Nossa cultura tem desenvolvido um forte senso de democracia e, especialmente, desde os anos 60, os jovens têm conseguido voz própria e participado ativamente em vários assuntos sociais. De nada ajudaria ignorar ou negar essa realidade que pode ser observada em muitos outros aspectos da sociedade.

O mesmo fenômeno não poderia deixar de acontecer na religião. Os jovens necessitam expressar seu desejo de participação através de sua própria linguagem na música. Entretanto, o entusiasmo da convicção e o estímulo da ação não devem privá-los da reflexão sobre a natureza do louvor e o propósito da música na igreja. Eles também devem estar preocupados com a natureza e o expressivo poder da música, e com seus elevados padrões.

Em segundo lugar, a mais forte consideração, no entanto, deve ser as mudanças que têm transformado o mundo moderno com respeito a sua compreensão do sagrado e do secular. Aqui reside a principal dificuldade para adoção de elementos seculares no louvor. A sociedade atual é caracterizada por uma grande rachadura entre o

sagrado e o secular. A vida diária não é mais permeada pelo sagrado; já não existem leis, nem diretrizes.

Uma rememoração da História e uma observação lúcida de nossos tempos devem inspirar nossa abordagem do problema. Algumas pessoas adotam atitudes tradicionais de rejeição ou proibição, mas a História mostra que tais reações não são muito efetivas.

As mudanças acontecerão de qualquer maneira, com ou sem a nossa participação. Isso é um fato. Em lugar de rejeitá-las e assim provocar revolta, devemos nos tornar parte delas, fazendo-as acontecer de um modo responsável.

Por outro lado, considerando as forças que hoje nos rodeiam, conforme mencionadas anteriormente, as mudanças necessitam ser muito mais controladas e monitoradas do que nos dias de Lutero ou Wesley. Talvez a educação seja muito mais necessária hoje. Todavia, ela não deve operar contra, mas com, o povo. Isso significa ouvir um ao outro, e preparar um plano de ação comum. Melhor que resistir às mudanças, os músicos deveriam tomar parte nelas, ajudando na sua forma. Não é esse, afinal, o desafio do artista na sociedade?

Referências

1. Theodore Gerold, *Les Peres de l'Eglise et la Musique*, Geneva; Minkoff, 1973, págs. 46 e 47.
2. Jules Jeannin, *Melodies Liturgiques*, Paris; Leroux, 1924, pág. 147.
3. Donald P. Hustad, *Jubilate! Christian Music in Evangelical Tradition*, Carol Stream III; Hope Publications, 1981, pág. 123.
4. Friedrich Blume, *Protestant Church Music: A History*, Nova Iorque, Norton, 1974, págs. 29 a 33.
5. Adrew Wilson-Dickson, *The Story of Christian Music: From Gregorian Chant to Black Gospel: An Authoritative Illustrated Guide to all the Major Traditions of Music for Worship*, Oxford; Lion, 1992, pág. 117.
6. James R. Nix, *Advent Singing*, Washington, Departamento de Educação da Divisão Norte-Americana, 1988, págs. 88 e 89.
7. James F. White, *Introduction at Christian Worship*, Nashville; Abingdon Press, 1991, págs. 100 e 102.
8. Edith Weber, *Le Concile de Trente et la Musique: De la reforme a la contrere-reforme*, Paris; Honore Champion, 1982, págs. 65 e 87, 196 a 199.
9. In K. Silverman, *Selected Letters of Cotton Mather*, Baton Rouge: Imprensa Universitária do Estado de Louisiana, 1971, pág. 376
10. Henry Wilder Foote, *Three Centuries of American Hymnody*, Hamden, Shoe String Press, 1961, pág. 102.
11. Edward S. Ninde, *The Story of the American Hymn*, Nova Iorque; Abingdon Press, 1921, pág. 95.
12. *Ibidem*, págs. 96 e 97.
13. Christian Gerber, in H. David e A. Mendel, *The Bach Reader: A Life of Johann Sebastian Bach in Letters and Documents*, Nova Iorque; W. W. Norton, 1966, págs. 229 e 230.

Prós e contras da avaliação ministerial

LESLIE E PRUDENCE POLLARD

Leslie, D. Min., é pastor da igreja do Oakwood College, em Huntsville, Alabama, EUA. Prudence, sua esposa, é vice-diretora administrativa e de Recursos Humanos, no mesmo colégio.

Avaliação é o processo pelo qual é julgada a performance de um obreiro, através de informações precisas, apropriadas, viáveis e essenciais. Por anos, esse processo tem sido aplicado no comércio, na indústria, na educação, na área de gerenciamento e outras atividades. Em anos recentes, na medida em que crescem as demandas por qualidade e prestação de contas, nem mesmo os clérigos têm escapado da avaliação. É desnecessário dizer que a avaliação pode ser benéfica tanto para o pastor como para a Igreja. Entretanto, se o processo de avaliação for concebido de maneira imprópria, e assim for implementado, ele pode representar um prejuízo ao ministério.

O propósito deste artigo é apresentar as características da avaliação responsável, pesquisar seu crescimento, analisar o processo tradicional e os instrumentos de avaliação ministerial, mostrar perigos e oportunidades, bem como sugerir maneiras de avaliação pastoral.

Avaliação responsável

Avaliação deveria ser compreendida como uma expressão de capacitação do ministério da Igreja. Seu propósito não deveria ser denunciar, muito menos punir um obreiro, mas ela deveria ser utilizada como parte de um compreensivo programa direcionado ao desenvolvimento pastoral. Para que seja efetiva, sugerimos que a ava-

O propósito da avaliação não é denunciar, muito menos punir o obreiro. Ela deve ser utilizada como parte de um compreensivo programa direcionado ao desenvolvimento pastoral.

liação seja submetida ao que chamamos de princípio EAVA (específica, apropriada, viável e ética), conforme segue:

O caráter *específico* da avaliação está preocupado com a exatidão e clareza das questões usadas na busca de informações. Nesse caso, os itens de avaliação deveriam extrair e transmitir informações acuradas sobre a habilidade e a atividade do obreiro ministerial. Por exemplo, um item que seja respondido com algo como "o pastor prega bons sermões" não é específico, desde que essa resposta necessita de uma outra questão esclarecedora, ou seja, "o que é um bom sermão?" Um item específico dentro desse contexto é: "A pregação do pastor apóia os ensinamentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia." Especificidade na avaliação minimiza a possibilidade de incompreensões e maximiza a probabilidade de respostas exatas.

Por sua vez, o aspecto *apropriado* da avaliação vai além da especificidade, porque uma questão pode ser específica e ao mesmo tempo ser imprópria. Esse aspecto garante a igualdade da resposta a um item usado num instrumento de avaliação, com o que se espera do trabalho de um obreiro ministerial.

Ele está preocupado com a relevância do assunto. Por exemplo, dizer que "o pastor é bonito" é claro mas não é apropriado. É difícil ver como esse item se relaciona com a função de um pastor.

A *viabilidade* da avaliação está preocupada não com o instrumento, mas com sua administração. Ela conduz o avaliador além do instrumento, porque é um processo que interessa, tratando com duas questões básicas: 1) São suficientes os recursos financeiros e de pessoal, mobilizados para administrar esta avaliação do início ao fim (duplicação, distribuição, coleta de informações, tabulação, revisão de resultados mapeamento de estratégias para aperfeiçoamento, etc.)? 2) Haverá tempo suficiente, liderança e incentivo para assegurar uma amostragem amplamente fundamentada para completar o questionário? Se apenas os defensores do ministro se sentem motivados a completar o instrumento, então, claramente os resultados serão direcionados. Esse direcionamento poderia dificultar a elaboração de uma conclusão acurada sobre a performance do pastor.

Ética na avaliação ministerial dirige a integridade do processo e seus resultados. Essa integridade protege os direitos de confidencialidade da pessoa avaliada. Num clima litigioso, princípios éticos, morais e legais devem ser respeitados. A

avaliação deveria ser desenvolvida e conduzida com a devida consideração pelo bem-estar individual do obreiro e da Igreja como um todo.

Devem ser tomadas decisões claras no sentido de limitar o acesso aos resultados da avaliação do obreiro. Tais limitações não deveriam ser implementadas apenas tendo em mente a administração atual, mas também as futuras administrações. Por exemplo, quem terá acesso aos arquivos do obreiro? Quantas pessoas devem ver os resultados da avaliação? Como esses resultados serão guardados? Como serão utilizados? Essas são questões impor-

tações que devem ser respondidas. O propósito da avaliação deve ser anunciado posteriormente. Somente a avaliação da performance não deveria ser usada na decisão de promover ou alijar um obreiro. Esse papel é completado pela avaliação pessoal.

Crescimento do processo

As atividades administrativas de planejamento de delegação foram reconhecidas e sistematizadas muito antes do processo de avaliação tornar-se uma prática organizacional. Como uma ciência administrativa, a avaliação existe há cerca de 30 anos. Tradicionalmente, as organizações têm visto a avaliação como uma atividade desenvolvida entre os empregados pelo Departamento de Recursos Humanos de uma determinada empresa, ou no ambiente escolar, pela respectiva diretoria.

Com o sistema de avaliação tornando-se cada dia mais aperfeiçoado, dois objetivos

tornam-se destacados: prestação de contas e desenvolvimento. Na medida em que as organizações tornam-se amadurecidas, a avaliação torna-se o mecanismo necessário para aprendizado e desenvolvimento, tanto para indivíduos

A avaliação é abrangente. Ela deve ser um processo que envolva também os oficiais do Campo, da União, Divisão, Associação Geral e igreja local. Se a liderança quer mesmo levar a sério a prática da avaliação, deve dar o exemplo de submissão a ela.

como para as empresas. Hoje, a avaliação é o instrumento da organização para demonstrar que o desempenho do obreiro corresponde, ou mesmo excede, aos padrões pre-determinados.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem utilizado a avaliação, geralmente, focalizando-a sobre prestação de contas. Durante os anos 70, foram introduzidas formas de avaliação pastoral, de modo que os secretários ministeriais e administradores de Campo poderiam ter uma idéia do que os pastores estavam fazendo em seus respectivos locais de trabalho. Tais formas tinham pouco a ver com aprendizado e desenvolvimento. "Ad-

ministração por objetivos” era a tendência. Pastores eram encorajados a escrever seus alvos e objetivos para o ano, revisá-los com algum supervisor, avaliar suas habilidades para realizar as tarefas, e prestar informações ao supervisor indicado ou ao secretário ministerial.

Sistema tradicional

Embara a avaliação ministerial seja uma prática recente, em caráter extra-oficial ela já existia em várias formas, conforme veremos a seguir.

Auto-avaliação – Historicamente, a Igreja tem utilizado o processo de auto-avaliação, em parte, devido ao incentivo encontrado no Novo Testamento (ver I Cor. 11:28). Esse processo foi considerado menos arriscado para a situação emocional e a reputação do pastor. Ele pressupõe que os pastores têm habilidade julgar seu próprio desempenho ministerial e, individualmente, responder à questão “como estou indo?” Sob esse procedimento, os pastores geralmente mediam sua performance através dos projetos de construção concluídos, número de batismos alcançados, gráficos financeiros, estado de espírito dos membros, casamentos efetuados ou restaurados, etc.

Avaliação congregacional – Até pouco tempo, a avaliação congregacional não era um processo tão recomendado como o anterior. Acreditava-se que a congregação poderia inclinar-se tanto para o lado positivo como para o negativo. Atualmente, a Associação Ministerial recomenda o processo de avaliação congregacional.

Avaliação mútua – Em alguns lugares, os pastores têm usado a avaliação mútua para saber como são vistos por seus colegas de ministério. Esse tipo de avaliação geralmente é realizado entre amigos, e pode representar uma excelente ajuda quando bem recebido pelo pastor avaliado.

Avaliação organizacional – Começa juntamente com o processo de análise para a ordenação. Tradicionalmente, um administrador do Campo, ou o secretário ministerial, revisa com o pastor seu desempenho profissional. Em alguns casos, a única vez em que um pastor é avaliado pela Organização que o emprega é quando ocorre algum tipo de crise na congregação local. Isso é especialmente verdade quan-

do o comportamento, a ação ou as decisões do pastor são vistos como um fator que precipitou a crise.

A diferença entre os modos tradicionais de avaliação e os atuais, é que os Campos estão progredindo ao fazer da avaliação um componente formal de suas funções administrativas. Dessa forma, estão codificando e oficializando o processo de avaliação pastoral. Alguns são tentados a desenvolver seus próprios sistemas de avaliação, enquanto outros valem-se de modelos utilizados por outras denominações, ou preparados pela Associação Ministerial.

Instrumentos de avaliação

Há, geralmente, quatro categorias de instrumentos de avaliação:

Avaliação Numérica – Esse instrumento, obviamente, avalia numericamente o desempenho. Sua média é taxada, e posteriormente comparada com números de outras avaliações.

Relatórios estatísticos – Alguns Campos usam o número de batismo e gráficos financeiros (dízimos e ofertas) como principais instrumentos para medir o sucesso de um pastor.

Folha de serviços – Promover crescimento com base na ordenação e nos anos de serviço de alguém, é outra forma de avaliação utilizada pela Igreja.

Questionários – Alguns tipos de questionários são limitados e induzem à quantificação; outros, mais abertos, são menos quantificáveis. A obtenção de respostas mais compreensivas é um trabalho que dificulta mais o processo. Mas, em geral, resulta de maior auxílio para um pastor do que dados numéricos, porque isso tende a descrever comportamentos específicos de liderança.

Perigos e oportunidades

Aintimação feita nos termos “você está sendo avaliado” produz sentimentos mais negativos que positivos, em um empregado. Alguns ministros se sentem inseguros e amedrontados em relação ao que o Campo “vai fazer” com eles, enquanto observam que os oficiais do escritório, administradores e departamentais, não passam pelo crivo de uma avaliação.

Alguns pastores tremem à simples men-

ção da palavra avaliação. Eles percebem um certo brilho nos olhos dos mesários do Campo, e sentem que a avaliação nada mais é que uma tentativa de reunir informações que possam ser usadas contra eles em algum momento. Há um sentimento semelhante entre certos membros da igreja, que alegremente aceitam a avaliação ministerial como um meio de manipular o pastor. Há o perigo de que ministros se tornem susceptíveis e, possivelmente, manipuladores, na tentativa de assegurar uma avaliação positiva; ou de evitar, por várias formas, uma aplicação significativa do processo.

Em virtude da ansiedade e temores naturais, gerados pela avaliação, secretários ministeriais sérios buscarão implementar os instrumentos menos intimidatórios e mais expressivos possíveis, para avaliar obreiros, e criarão uma atmosfera correta durante o processo, de modo a não formar pastores alienados.

O lado positivo do processo de avaliação é que ele é uma oportunidade de aprendizado para pastores, líderes, Campos e instituições. Avaliação é o coração de todo aprendizado organizacional. Nesse caso, líderes e liderados continuamente se engajam em atividades para determinar suas habilidades e mostrar suas limitações. Líderes de valor operam dentro de suas forças e trabalham para desenvolver e compensar deficiências. Eles não focalizam a avaliação como um alvo, mas priorizam a efetividade e a eficiência de sua missão. Ao focalizar sobre a missão, as normas necessárias ao seu cumprimento podem ser identificadas. E tornam-se as normas que formam os componentes dos mais efetivos sistemas de avaliação.

Crescimento efetivo

O processo de avaliação pastoral veio para ficar, e seu objetivo não é produzir insegurança. Ele deve ser um instrumento positivo de aprendizado e cumprimento da missão, quer seja exercida pelo pastor, Igreja institucional ou local. A seguir, enu-

meramos sete sugestões que fazem da avaliação uma ferramenta mais útil:

1. Avaliar os oficiais através da comissão local – Ao limitarmos o processo de avaliação somente aos pastores, estamos emitindo um sinal errado às igrejas locais. A Igreja, como o corpo de Cristo, está investida com a responsabilidade de evangelizar o mundo (Mat. 28:18 e 19; I Ped. 2:9). Os pastores, como membros desse corpo, desempenham um papel especial ao liderar, equipar e pastorear o rebanho (Efés. 4:8 a 11). Biblicamente, os pastores são responsáveis pela superintendência do ministério da igreja, e deveriam ser avaliados para que seja conhecida a efetividade de sua liderança, e como

isso pode ser melhorado.

Entretanto, a igreja local, por sua própria natureza, é dotada de um ministério coletivo que vai além do trabalho específico do pastor. Ela

escolhe oficiais para dirigir vários ramos do trabalho. O papel desse grupo de oficiais eleitos é tão vital para o sucesso do ministério da congregação local como é o trabalho do pastor. A natureza do processo de nomeações mostra claramente que a igreja não é uma pessoa. Anualmente, ou de dois em dois anos, ela escolhe uma comissão de nomeações, com o propósito de distribuir responsabilidades para o trabalho. Portanto, qualquer sugestão no sentido de que seja avaliado apenas o pastor, reflete uma falha eclesiológica, implicando maior responsabilidade por parte do pastor, ou mostrando-o como único responsável, pelo sucesso do ministério da igreja, enquanto os outros oficiais não o são.

Uma avaliação sadia, portanto, deve analisar não apenas o trabalho do pastor, mas de todos os oficiais da congregação local. Os líderes eleitos também precisam saber como o restante da congregação observa sua liderança. Ademais, a avaliação de todos os líderes locais cria um clima simpático de apoio, que pode influenciar positivamente os resultados da avaliação do pastor.

2. Tornar a avaliação abrangente – A avaliação deve ser um processo que envolva também os oficiais do Campo, da

A Igreja deve reconhecer publicamente a diferença entre um desempenho pastoral medíocre e um desempenho excepcional.

União, da Divisão e Associação Geral. A tarefa da liderança pastoral é tão ampla, subjetiva e pessoal, que o pensamento de ter que prestar contas sobre aspectos específicos do ministério pode ser esmagador para o pastor. Os ministros necessitam de alguém para auxiliá-los através do processo. Ouvirão com muito mais receptividade alguém que passou por uma experiência similar e pode partilhar algo dos resultados de sua própria avaliação. Se a liderança quer mesmo levar a sério a prática de avaliação, deve, primeiramente dar o exemplo de submissão a ela.

3. Providenciar pessoal treinado – Os encarregados de avaliar devem compreender o impacto que isso pode exercer sobre um empregado. O maior perigo da avaliação, na forma em que é conduzida presentemente, é que ninguém sabe quem é responsável pelo desenvolvimento do pastor, quando os resultados aparecem. Tampouco alguém é treinado na administração do processo. Os líderes devem providenciar treinamento para todos os envolvidos na execução e no gerenciamento do processo. Os instrumentos usados para reunir informações devem ser precisos, acurados, viáveis e essenciais. Isso significa que mesmo a construção de instrumentos utilizados na obtenção de informações, deve ser dirigida por indivíduos treinados. Assim, corretamente reunidas e processadas, as informações ajudarão os pastores a identificar áreas específicas cujo desempenho deve ser melhorado, sem injetar medo ou insegurança em sua vida profissional.

4. Tornar a avaliação uma oportunidade de desenvolvimento – Utilizada com uma dimensão pedagógica, a avaliação diagnosticará a força e a fraqueza de um pastor, com o objetivo de construir a base de sua habilidade. Apenas o diagnóstico não é suficiente. A liderança restauradora incluirá na avaliação prescrições para a melhoria do desempenho. A avaliação jamais deve ser vista como um fim em si mesma, mas deve ser parte de um compreensivo programa de desenvolvimento. Isso significa que a Igreja deve fazer provisões, incluindo tempo e dinheiro, para que os pastores cresçam naquelas áreas onde são considerados fracos. Seminários, oficinas de estudo, cursos, conversa privada, aconselhamento, supervisão por um colega, educação contínua, são partes integrantes do processo.

5. Considerar o aspecto triangular do processo – Tendo em vista o desenvolvimento do pastor, a avaliação deve resultar de três públicos: membros da igreja, líderes e colegas. Esses três grupos darão equilíbrio ao processo. A História e a experiência mostram que quanto mais completa for a avaliação, mais útil ela será para o pastor.

6. Separar avaliação pessoal da avaliação do desenvolvimento – Normalmente um Campo faz avaliação pessoal com propósito de aumentar salários, promover de função ou demitir. A avaliação do desenvolvimento deveria estar sob o controle de um ministro. Isso minimizará a tendência natural, ou tentação, de um administrador no sentido de usar as informações reunidas com propósito de desenvolvimento, para tomar decisões de caráter pessoal.

A organização empregadora tem o direito de administrar a avaliação pessoal, e esse tipo de avaliação pode induzir à tomada de decisões no campo pessoal, sem que o ministério tenha conhecimento. No entanto, quando a avaliação do desenvolvimento é usada para dirigir ou influenciar decisões pessoais, estaremos introduzindo suspeitas no processo. O resultado? O aspecto pedagógico da avaliação é desconsiderado, em favor do uso administrativo.

Se uma avaliação deve ser confiável, e se devemos evitar ressentimentos e frustrações, então a avaliação do desenvolvimento deve estar dissociada da avaliação pessoal.

7. Incluir os resultados da avaliação no planejamento do futuro – Uma vez que a organização complete a avaliação pessoal, deve tratar com a questão sobre como isso contribuirá para recompensar pastores que prestam serviço excepcional à Igreja. Por que investir dinheiro e tempo em busca de informações sobre a performance de um pastor, se os resultados disso nada representarão para ele?

Não deveria a performance excepcional ser reconhecida através de algo tangível? É tempo de a Igreja reconhecer publicamente a diferença entre um desempenho pastoral medíocre e um desempenho excepcional.

Em suma, avaliação, como aprendizagem jamais termina. Nós fazemos, avaliamos, planejamos melhorar, e fazemos de novo. É um processo, não um produto. Vista como um processo, a avaliação pavimentará o caminho para o surgimento de grandes líderes.

Um século de milagres

JUAN CARLOS VIERA

Secretário do Ellen G. White Estate, em Silver Spring, Maryland, EUA.

A década de 90 marca o centenário adventista em vários países da América Latina. Quando o adventismo foi plantado no solo hispânico, depois de começar nos Estados Unidos, era como a semente de mostarda na parábola de Cristo – pequena, insignificante e ignorada. Mas hoje o adventismo da América Latina cresce em proporção agigantada, com um número de membros que ultrapassa a marca de 2,5 milhões. Esse crescimento notável do adventismo num ambiente estranho e hostil testifica de uma história de fé e labuta, aventura e sacrifício, a liderança divina e a obediência da Igreja ao chamado.

Após um século de bênçãos na América Latina, seria apropriado refletir sobre as marcas distintivas do começo, as estratégias de crescimento através dos anos e o desafio do futuro.

Marcas distintivas

Como em outras partes do mundo, três fatores significantes caracterizam o começo do adventismo na América Latina.

Primeiro, a influência da literatura. As publicações adventistas chegaram a vários países da América Latina entre 1880 e 1890. Em todos os casos conhecidos, os imigrantes nesses países foram os primeiros a receber tal literatura em sua língua materna, em sua maioria. Publicações alemãs chegaram ao Brasil em 1879 e foram distribuídas em algumas colônias alemãs no Sul do país por pessoas que ainda não eram adventistas. Revistas e folhetos em francês chegaram a colônias francesas e suíças, na Argentina, por volta de 1885. Aproximadamente ao mesmo tempo, publicações na língua inglesa foram distribuídas em Honduras e Belize.¹

Segundo, o testemunho de leigos. Antes que qualquer empregado denominacional assalariado promovesse o adventismo, os leigos tinham começado o trabalho. Uma dona de casa foi a primeira pessoa a partilhar sua fé, em Honduras, no ano de 1885. Sítiantes adventistas estabelecidos na Argentina organizaram uma Escola Sabatina, em 1890, a

primeira em território sul-americano. Um alfaiate adventista teve seu encontro na cidade do México, em 1891. Essa participação de leigos e de obreiros voluntários foi não apenas fundamental para o começo do adventismo na América Latina, mas, como veremos posteriormente, tem sido um elemento chave na expansão da Igreja noutras décadas.

Terceiro, o trabalho de obreiros de manutenção própria. A Comissão de Missões Estrangeiras da Associação Geral, organizada em 1889, enviou os primeiros três missionários de manutenção própria (colportores) à América do Sul, em 1891 e, logo depois, esses três missionários



estavam espalhando o evangelho em quatro países: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. O trilho aberto por eles levou à organização das primeiras igrejas adventistas entre 1894 e 1896.

Outro grupo de obreiros de manutenção própria, nesse caso médicos e enfermeiros, se estabeleceu em Guadalajara, México, em 1893, na primeira tentativa de organizar a obra médica fora dos Estados Unidos.² Como resultado, a primeira igreja no México surgiu em Guadalajara.

Estratégias de crescimento

Os primeiros adventistas talvez não estivessem cômicos dos termos técnicos para as estratégias que empregaram para plantar igrejas nos vários países latino-americanos. Porém, um estudo dos princípios evangélicos, pastorais e administrativos empregados por aqueles pioneiros, revela o que a missiologia contemporânea considera estratégias “modernas” do crescimento da igreja. Os princípios são os seguintes:



Literatura, trabalho de leigos, colportores, médicos e enfermeiros voluntários são as marcas do pioneirismo adventista na América Latina.

Unidades homogêneas – Uma unidade homogênea é um grupo da população que possui algo em comum: cor, raça, renda ou algum outro fator de união. Como um perito em crescimento de igreja afirma, “quando diferenças apreciáveis de cor, status, renda, higiene e educação estão presentes, as pessoas compreendem melhor o evangelho pregado por indivíduos do seu grupo. Preferem unir-se a igrejas cujos membros se parecem, falam e agem como eles mesmos”.³

O adventismo na América Latina deitou assim raízes, primeiro em unidades homogêneas da população em vez de entre os aborígenes. As primeiras congregações no Caribe Latino, América Central e nos outros países ao Norte da América do Sul foram organizadas em colônias de língua inglesa ou francesa. No restante da América do Sul, colônias suíças, russas e especialmente alemãs foram as primeiras a receber e aceitar a mensagem adventista. Com a passagem do tempo, a fé adventista estendeu-se desses grupos homogêneos para as populações nativas dos vários territórios.

Responsabilidade social – Esta questão tem provocado acaloradas discussões nos círculos religiosos, especialmente depois da emergência da teologia da libertação na América Latina. Os adventistas, no entanto, tinham recebido, desde o início, conselho inspirado sobre a questão da responsabilidade social. O conselho definitivo foi o de seguir os passos de Cristo que, “pelo bem realizado, por Suas palavras de amor e atos de bondade ... interpretou o evangelho aos homens”.⁴

Os pioneiros adventistas na América Latina observaram esse tipo de “hermenêutica”. Além de pregar o evangelho, eles o viviam e o praticavam em sua relação com os vizinhos, especialmente os que eram oprimidos e carentes. Diversos analistas do protestantismo na América Latina concluem que esse foi um dos segredos do êxito dos adventistas nessa re-

gião. Um autor católico afirma: “A obra missionária do adventismo não se limita a pregar, embora isso exceda tudo o mais. Na realidade, o adventismo prega com suas escolas de diversos níveis, sua indústria agrícola, seus hospitais e suas faculdades de medicina. E tudo isso é espalhado pelo mundo. É o trabalho prático e positivo de uma igreja que, enquanto espera o fim, não o faz de braços cruzados.”

Um antropólogo alemão que estudou os adventistas nos altiplanos bolivianos afirma: “A praxis da missão adventista foi desde o início, e em todo o tempo, algo mais do que o cumprimento do mandato evangélico. Junto com a expansão da palavra bíblica, iam os atos de misericórdia que eram manifestados pela atenção médica e na educação em escolas.”⁶

Os altiplanos do Peru também ilustram o segundo princípio de crescimento da Igreja Adventista na América Latina. Quando Fernando e Ana Stahl chegaram às margens do Lago Titicaca, no começo do século, imediatamente reconheceram que instrução era uma das necessidades mais prementes entre os nativos. Começaram a estabelecer escolas elementares e a preparar professores nativos para o trabalho. Uma década mais tarde, dezenas de escolas cuidavam de centenas de crianças nativas. O ensinar em vez de pregar, produziu conversões em massa. As escolas eram seguidas por organização de igrejas, e por volta de 1920, mais de três mil membros tinham-se unido à Igreja na região.⁷

A bacia do Amazonas oferece outra ilustração. Aqui a estratégia de “pregar e viver o evangelho” não só produziu um crescimento extraordinário, como também produziu reconhecimento e apreço da Igreja por parte da população em geral e das autoridades governamentais em particular.

Estudiosos de religião tomaram nota do trabalho desenvolvido pelos adventistas. J. B. Kessler, em 1967,⁸ e David Martin, em 1990,⁹ em suas obras sobre o protestantismo na América Latina, concluíram que os ad-

ventistas têm sido agentes no “processo de mobilidade social”. Isto é, o adventismo melhora a qualidade de vida dos indivíduos e das comunidades que aceitam a mensagem.

Envolvimento dos leigos – A terceira estratégia no crescimento do movimento adventista não começou até meados da década de 50 e ainda permanece um elemento chave de crescimento: a participação dos leigos. Quase todos os países na América Latina têm tido uma participação elevada de leigos tanto no evangelismo como na liderança da igreja local. O espaço limita uma análise dos fatores que produzem uma mobilização tão vasta dos leigos, mas precisamos notar alguns fatores gerais.

Desde a Segunda Guerra Mundial, a América Latina tem experimentado tremendas convulsões sociais, políticas e econômicas. Esses fatores afetam o crescimento da Igreja. Por exemplo, crises financeiras forçam a maior parte das Associações e

Os adventistas têm sido agentes no processo de mobilidade social, melhorando a qualidade de vida dos indivíduos e das comunidades que aceitam sua mensagem, em países latino-americanos.

Missões numa situação na qual não podem manter pastores em proporção com o crescimento de membros. Como resultado, os líderes têm sido obrigados a envolver os leigos na execução de deveres evangelísticos e pastorais. Na América Latina, não é fora do comum ver um pastor encarregado de cinco ou mais igrejas e uma dezena de grupos. A única maneira pela qual ele pode fazer bem o seu trabalho é treinando leigos para ajudar nos deveres ministeriais.

A América Central provê uma ilustração extraordinária de crescimento de igreja, mediante o envolvimento dos leigos. A Nicarágua alcançou um crescimento de 348% nas décadas de 70 e 80. Na última década, Honduras alcançou um crescimento de 360%, ultrapassado apenas por dois países africanos: Uganda e Gâmbia. Surpreendentemente, no mesmo período, a proporção do número de pastores em relação aos membros caiu drasticamente. Em El Salvador, por exemplo, havia um pastor para cada 250 membros, em 1960. No ano de

1990, havia um pastor para cada dois mil membros! Mas a Igreja não deixou de crescer por isso. Em 1960, havia 1.700 membros em El Salvador; presentemente há mais de 60 mil.

Esse tipo de crescimento é visto em quase todas as áreas. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, na América Latina, tem organizado uma liderança leiga apoiada por pastores e administradores, e tem desenvolvido aquilo que a missiologia define como “um modelo de crescimento de igreja facilmente reproduzível”. Esse modelo permite a uma igreja começar uma nova congregação, sem esperar pela chegada de um ministro ordenado cujo nome conste na folha de pagamento. Líderes leigos podem facilmente deixar sua própria igreja e começar uma nova congregação sem as limitações financeiras de um ministro ordenado. Esse modelo de crescimento também permite a uma igreja reproduzir-se em muitas unidades, sem esperar por novos edifícios: um lugar ao ar livre, bem como uma casa de família ou um salão alugado podem servir de ponto de partida para a nova congregação.

Com efeito, esse modelo é a chave do sucesso do adventismo na América Latina. Tanto a Divisão Interamericana como a Sul-Americana já ultrapassaram a casa de um milhão de membros. Por estarem acrescentando 100 mil novos membros cada ano, a casa do segundo milhão não está distante. Sob a liderança do Espírito Santo e com um exército sempre crescente de obreiros voluntários, a Igreja Adventista na América Latina está preparando uma multidão de crentes para a vinda do Senhor.

Desafios

Até aqui tudo vai bem. A história do adventismo, ao celebrar seu centenário na América Latina, é uma história de júbilo e gratidão. Mas, que dizer do futuro? O maior desafio confrontando a Igreja Adventista, num futuro próximo, tem a ver com as mudanças na sociedade latino-americana. Durante 500 anos – desde a descoberta das Américas – a participação da Igreja no processo histórico da sociedade latino-americana foi aceita sem disputa. Mas, em décadas recentes, as novas teologias sociais, como a teologia da libertação, estão pedindo uma mudança completa na Igreja. Alguns autores católicos e protestantes pedem uma nova eclesiologia, uma nova cristologia e uma nova hermenêutica. Eles vêem uma Igreja muito distanciada do povo, e querem diminuir essa distância. Eles pedem uma Igreja “pobre”

e uma Igreja do “povo”. Pedem um Cristo novo, mais ativo no meio do povo e diferente do Cristo sofredor da cruz ou do crucifixo. E, finalmente, reclamam uma hermenêutica – uma interpretação do evangelho – que leve em conta não só o “texto” mas também o “contexto”: a situação de miséria e opressão na qual as massas vivem.

Embora os adventistas não concordem com as filosofias combativas motivadoras de tais ideologias, eles sentem a responsabilidade de introduzir uma nova perspectiva religiosa na América Latina. E, na realidade, estão na melhor posição para fazê-lo. Seguindo o Modelo, o Senhor Jesus Cristo, eles chegam mais perto dos pobres, dos carentes e dos oprimidos. Mostram em suas próprias vidas, o Cristo vivo que cura, alimenta, conforta e salva. E, ao apresentar o evangelho ao povo, eles não somente o pregam como também o praticam, assim como fazia o Senhor, e como os pioneiros fizeram nos altiplanos da Bolívia e do Peru, na bacia do Amazonas e em outras áreas da América Latina.

A Igreja precisa também enfrentar o desafio crescente do urbanismo e da secularização. Por volta de 2001, a América Latina não só terá a maior cidade do mundo – a cidade do México – mas também dúzias de cidades com milhões de habitantes. O urbanismo acelera o processo de secularização, deixando Deus e a religião fora da vida do povo.

Ao entrar no segundo século de vida e missão na América Latina, o adventismo está ciente de seu papel na nova ordem do século 21, mesmo enquanto aguarda o cumprimento da oração de todas as épocas: “Vem, Senhor Jesus.”

Referências:

1. *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, R&H, Hagerstown, MD, EUA, 1976, págs. 67, 143, 183.
2. F. M. Wilcox, “*The Work in Many Lands*”, R&H, 10/07/1894.
3. Donald McGavran, *Undersanding Church Growth*, Eerdmans, Grand Rapids, MI, 1980, pág. 227.
4. Ellen G. White, *Beneficência Social*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 1987, pág. 56.
5. Ignacio Dias de León, *Las Sectas en América*, Editorial Claretiana, Buenos Aires, 1984, págs. 101 e 102.
6. Juliana Ströbele-Gregor, *Índios de Piel Blanca: Evangelistas Fundamentalistas en Chuquiayawa*, Hispol, La Paz, 1989, pág. 190.
7. *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, pág. 1105.
8. J. B. Kessler, *A Study of the Older Protestant Missions and Churches in Peru and Chile*, 1967.
9. Danvid Martin, *Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America*, Blackwell Publishers, Santa Cruz, Califórnia, 1991.

A mensagem adventista e o evolucionismo

MARCO T. TERREROS

*Ph.D., professor de Teologia e de Ciência e Religião na
Universidade da Colômbia.*

De acordo com Gênesis 1:1, “No princípio, criou Deus os céus e a Terra”.

A doutrina da Criação ocupa um lugar importante na mensagem e missão dos adventistas do sétimo dia, por uma dupla razão: primeiramente, os adventistas crêem numa criação ordenada, efetuada por Deus; e, em segundo lugar, sentem-se encarregados de proclamar a mensagem dos três anjos, conforme Apocalipse 14.

A filosofia adventista sobre origens afirma que Deus criou o mundo em sete dias. Desse modo, não existe espaço na compreensão adventista para a teoria da evolução, seja em seu aspecto naturalista ou teísta. Como adventistas, não somente aceitamos que Deus é o Criador, mas também cremos que Ele assumiu a natureza humana para Se tornar nosso Redentor, segundo está escrito no Evangelho de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e sem Ele nada do que foi feito se fez. ... E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós.” (João 1:1 a 3 e 14).

Assim, em sua proclamação do evangelho, os adventistas enfatizam tanto a Criação como a redenção. Essa ênfase é destacada em sua lealdade ao “evangelho eterno” mencionado no Apocalipse: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, ... dizendo em grande voz: ... adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas.” (Apc. 14:6 e 7).

Nessa mensagem, a ser proclamada nos últimos dias, o evangelho eterno convida à adoração do Criador, e nisso reside a compreensão da razão pela qual os adventistas não po-

dem concordar com qualquer espécie de explicação evolucionista quanto às origens.

Idéias conflitantes

A evolução tem uma forma muito peculiar de explicação para o começo da vida, diferente da explicação encontrada no Gênesis. Segundo o pensamento evolucionista, a vida originou-se e desenvolveu-se por si mesma, durante um período de tempo extremamente longo. O livro do Gênesis ensina, por sua vez, uma criação efetuada em seis dias. A idéia de origem fortuita ou desenvolvimento fortuito da vida, ou ainda algo intermediário, está em oposição à mensagem dos três anjos. Consideremos como os três ramos da teoria evolucionista explicam a origem da vida:

Em primeiro lugar, a evolução naturalista (ou atéista) necessita apenas de combinação de átomos, movimento, tempo e o acaso, a fim de trazer a realidade à existência, desde as formas mais simples de vida, às mais complexas, da partícula vital mais elementar à vida humana.

Em segundo lugar, a evolução deísta aceita a ação de Deus no início do processo que faz surgir a primeira matéria viva. Ele programou o processo evolucionário, fecundando a matéria de acordo com as leis naturais, o que resultou no seu subsequente desenvolvimento. A partir daí, absteve-Se de envolvimento ativo, tornando-Se, por assim dizer, “Criador emérito”.

Finalmente, existe a evolução teísta, que vai além da versão anterior, permitindo a contínua intervenção divina. Tal posicionamento e a pretensão de harmonizar o relato bíblico da Criação com a explicação científica, fize-

ram da evolução teísta o paradigma dominante entre os estudiosos evangélicos. Portanto, merece uma consideração mais longa.

Evolucionismo teísta

A evolução teísta assume que “todos os processos materiais são governados e dirigidos por Deus; [e] os processos evolucionários não fazem exceção”. Assim, a evolução não é um fim em si mesma, sendo apenas o meio pelo qual Deus traz à existência tudo o que há no Universo. É o *modus operandi* de Deus. Às vezes chamada de “evolucionismo bíblico”, a evolução teísta vê o processo evolucionário como uma manifestação da obra de Deus na Natureza. Nesse caso, a obra criativa de Deus é vista através de dois aspectos: 1) o “aspecto funcional”, no qual a existência finita do mundo natural é dependente da atividade contínua de Deus; e 2) o “aspecto progressivo”, onde novas criaturas e novas características emergem criativamente no processo da evolução.

Evolução teísta é considerada a “expressão constante da estratégia de Deus” para o desenvolvimento da criação. Algo como o método divino para agir no mundo através de uma criação contínua.

Na tentativa de harmonizar as explicações bíblicas e evolucionistas sobre as origens, particularmente com os longos períodos de tempo requeridos por todos os ramos da evolução, diversas teorias de Criação têm sido propostas: A teoria da Reconstituição ou da Lacuna, que sugere a passagem de milhões de anos entre Gênesis 1:1 e 1:2, e a ocorrência da Criação em três etapas – o período pré-adâmico, no qual a Terra era linda, um período intermediário, durante o qual ela se tornou “sem forma e vazia”, e o período de reconstituição, descrito a partir de Gênesis 1:3. Há também a teoria do Dia-Época, ou Épocas Geológicas, segundo a qual os dias da Criação não eram dias literais, mas períodos mais longos. A teoria Artística ou Literária entende o relato do Gênesis como um relato artístico, com a idéia de comunicar verdade religiosa, mas não realidade científica. Finalmente, a teoria das Genealogias Abreviadas pretende que se as genealogias omitem gerações, como algumas certamente o fazem, tais omissões poderiam dar conta de todo o tempo necessário para a evolução ocorrer.

Evolução, sob quaisquer dessas formas, contradiz o coração da mensagem dos três anjos apocalípticos: as boas-novas do evangelho. As novas não são boas somente porque seus

destinatários estão numa situação desesperadora. Aos pecadores, oferece perdão; àqueles sob condenação, por causa da queda da humanidade em pecado, provê salvação. Mas no processo evolucionista não há queda, não existe pecado – apenas contínuo progresso. Quaisquer traços animais presentes nos seres humanos podem ser vencidos através de educação e aculturação. Por conseguinte, não existe necessidade de um Salvador.

Mesmo a singularidade de Jesus pode desaparecer numa perspectiva evolucionista. O professor da Universidade de Notre Dame, Ernan McMullin, escreve: “Quando Cristo assumiu a forma humana, o DNA que O fez filho de Maria pode tê-Lo ligado a uma herança mais antiga que se estende muito além de Adão às baixadas de mares mais antigos do que a imaginação alcança.”²³ Se essa é a explicação para a primeira vinda de Jesus, a segunda vinda não pode mais ser uma esperança real.

Contudo, a segunda vinda e o julgamento são o enfoque de Apocalipse 14, que acrescenta uma nova dimensão à exaltação de Deus, como Criador, feita no Antigo Testamento. Assim, a Criação e o julgamento constituem o motivo escatológico da mensagem dos três anjos. Se o mundo não glorificar a Deus pela primeira razão, terá de temê-Lo pela segunda. O parâmetro pode ser percebido através das três proclamações. O primeiro anjo exalta o Criador, o segundo chama atenção para um falso sistema que nega a Deus e o terceiro fala do julgamento futuro. Os remidos adoram a Deus por Seu amor, expresso através da Criação. Os réprobos tremem diante dEle por causa de Seu julgamento justo.

Criação e julgamento

Julgamento não é um assunto ensinado apenas no Apocalipse, mas, juntamente com o conceito de Criação, permeia toda a Bíblia. A poluição da criação original resultou no primeiro juízo divino universal, o Dilúvio. Nos últimos dias, os juízos escatológicos de Deus são enviados para destruir “os que destroem a Terra” (Apoc. 11:18), com o propósito último de inverter o que aconteceu depois da queda do homem e criar um novo Céu e uma nova Terra.

Pedro fala deste tópico Criação-julgamento, em palavras incisivas. Aqueles que zombam da atividade divina na história humana “deliberadamente esquecem que, de longo tempo, houve Céus bem como Terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra

de Deus, pelas quais veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus que agora existem, e a Terra, pela mesma palavra têm sido entesourados pelo fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios". (II Ped. 3:5 a 7).

O que Pedro tem em mente é simples. A História sempre teve seus céticos. Outrora, houve aqueles que "deliberadamente" olvidaram que Deus criou o mundo e que ele executou Seus juízos sobre a impiedade através de um Dilúvio universal. Semelhantemente, no final dos tempos, o ceticismo quanto a Deus como Criador seria geral.

A causa principal desse ceticismo atual é a teoria da evolução. Com efeito, é parte do "vinho da fúria" de Babilônia (Apoc. 14:8) com o qual o mundo está embriagado.

O debate

Atualmente, o debate entre criacionismo e evolucionismo decorre do interesse renovado na relação entre a ciência e a fé cristã. Isso é evidente no estabelecimento de novas organizações, tais como a Fundação John Templeton, com seu Centro de Informação de Teologia de Humildade (Ipswich, Massachusetts), lançada em 1993. Esse centro, cujos membros fundadores incluem as autoridades máximas em ciência e religião, mantém que a teologia não é capaz de alcançar uma compreensão clara dos mistérios do Universo (portanto a etiqueta "Teologia da Humildade"). Conseqüentemente, existe a necessidade de uma volta à ciência como a fonte de respostas.

Uma organização muito mais antiga é o Centro Para Religião e Ciência de Chicago, onde cientistas e teólogos são devotos do evolucionismo sem renunciar sua fé em Deus. Com base na Escola Luterana de Teologia, o centro publica *Zygon*, uma revista influente sobre evolução teísta.

Outro periódico devotado quase que exclusivamente a promover a evolução teísta é o *Journal of the American Scientific Affiliation*. A Afiliação, também com sede em Ipswich, Massachusetts, conta com mais de mil membros com doutorados diversos. Originalmente organizada para promover o criacionismo, a Afiliação acabou experimentando uma "evolução" para se tornar defensora do evolucionismo teísta.

É possível perceber individualmente um desvio significativo no debate Criação-evo-

lução: da negação completa à admissão pública de respeito pela criação especial como uma alternativa viável para explicar a origem do Universo. Isso não quer dizer que a discussão foi encerrada. Certamente, não. Entre os que dominam esse debate, estão incluídos nomes como Howard Van Till (Calvin College), Ernan McMullin e Alvin Plantinga (ambos da Universidade Notre Dame), Philip Johnson (Universidade da Califórnia) e William Hasker (Huntington College). Van Till, McMullin e Hasker estão num canto da arena, enquanto Plantinga e Johnson estão no outro.

O primeiro grupo argumenta a favor de macro-evolução. O segundo defende a ineficiência da seleção natural e a viabilidade de uma intervenção divina especial, para explicar as complexidades da vida no planeta. O segundo grupo não está advogando criação *ex-nihilo* como uma cronologia curta. Essa opção foi rejeitada, há muito tempo, e os que a defendem são rotulados como fundamentalistas e extremistas. Plantinga e Johnson argumentam que Deus deve ser visto como intervindo no mundo.

Assim, a tendência é dupla: em primeiro lugar, favorecer a criação progressiva na qual a intervenção divina é exigida, não só para dar conta das formas originais de vida, como também para introduzir os primeiros indivíduos dos grupos maiores de seres vivos numa criação em desenvolvimento constante. Em segundo lugar, a tendência de encaminhar-se para uma forma de evolução deísta, preservando o que Van Till chama de "a integridade da Natureza". Isso significa que Deus criou um Universo no qual Seus desígnios para todas as criaturas, exceto os seres humanos, seriam alcançados, exclusivamente, de um modo natural.

A seriedade do debate entre os dois grupos é vista na obra de McMullin e Plantinga, que ensinam na mesma Universidade. Atuam em lados opostos do debate, escrevendo e respondendo um ao outro. Enquanto Plantinga argumenta a favor de uma criação especial, McMullin está convencido de que todas as probabilidades são contrárias a essa idéia.

As vozes mais francas em favor de uma criação recente, *ex-nihilo*, são as publicações do *Institute for Creation Research*, baseado em San Diego, Califórnia. Sua posição, chamada "criacionismo científico", está sob ataque constante de seus adversários.

O Seventh-Day Adventist Geoscience Re-

search Institute tem um compromisso semelhante com a Criação, embora discorde em algumas das posições do ICR. Mas essas organizações, como regra, são vozes isoladas, clamando no deserto, às quais a comunidade dos eruditos, que favorece a evolução, não dá muita atenção.

Recentes publicações da Igreja Católica, que oficialmente endossa a evolução teísta, estão desempenhando um papel importante no debate atual. A Igreja parece reconhecer nas ciências naturais e biológicas novas manifestações da unidade da Natureza, e exorta seus membros, ao mesmo tempo em que convida outras denominações, a prestarem atenção a tais tendências. Foi nessa base que João Paulo II fez o apelo: "Como nunca dantes em sua história, a Igreja entrou num movimento para a união de todos os cristãos, promovendo estudo, oração e discussões em comum para que 'todos sejam um'."⁴ Mesmo as igrejas evangélicas têm apoiado os pronunciamentos papais.

Implicações

Quais as implicações da tendência existente em direção ao evolucionismo teísta, para os adventistas do sétimo dia? Enumeramos algumas:

1. Ao negar a criação em seis dias, o evolucionismo remove a base para o culto sabático, preparando assim o terreno para o reconhecimento mundial da santidade do domingo, o que é parte do ensino adventista quanto aos acontecimentos finais.

2. Se a autoridade da Bíblia pode ser posta de lado tão facilmente, por que não a autoridade de sua Lei Moral e seus preceitos para a vida humana? Num mundo esvaziado de autoridade bíblica, noções da vontade humana, do bem e do propósito, apoiadas pela ciência e pelo humanismo, acabarão dominando muito da vida e da adoração. Como Landon Gilke observou: "A mais importante mudança na compreensão da verdade religiosa nos últimos séculos, mudança que ainda domina nosso pensamento hoje, foi causada pela ação da ciência mais do que qualquer outro fator, religioso ou cultural."

3. Em vista do ataque sutil da evolução contra a essência do evangelho eterno, o desafio para os adventistas é óbvio: uma determinação renovada e dinâmica para a adoração e proclamação daquele "que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas" (Apoc. 14:7).

4. A teologia não pode mais florescer isoladamente. Encontros entre a teologia e as ciências não podem ser evitados. No contexto da Missão Global da Igreja, precisamos achar novos métodos de abordar as pessoas condicionadas pelo método científico e o dogma evolucionista. A comunidade adventista, incluindo professores, profissionais e administradores, não pode ignorar os problemas relacionados com a teologia e a ciência. Necessita-se promover maior abertura para intercâmbio acadêmico, cursos e projetos de pesquisa nessa área.

5. O desafio da evolução naturalista, teísta ou deísta é realmente um desafio para a nossa fé. A doutrina da Criação não é opcional para os adventistas, é uma prova de fé. Sim, não podemos compreender tudo o que está envolvido na Criação, do mesmo modo que não podemos entender tudo sobre a redenção. Entendimento de ambas é possível somente pela fé. Fé em Deus. Fé é o que Deus disse na Bíblia. Como Ellen White escreveu, há muito tempo: "Foi-me mostrado que sem a história da Bíblia, a geologia nada prova. Fósseis achados na Terra dão evidência de um estado de coisas que difere em muitos modos do presente. Mas o tempo de sua existência e quão longo foi o período que estas coisas têm estado na Terra só podem ser compreendidos pelo relato bíblico. Pode ser inocente conjecturar além do relato bíblico, se nossas suposições não contradizem os fatos achados nas Escrituras. Mas quando as pessoas abandonam a Palavra de Deus quanto ao relato da Criação e procuram explicar a obra criativa de Deus por princípios naturais, se acham sobre um oceano ilimitado de incerteza. Justamente como Deus realizou as obras da Criação em seis dias literais nunca foi revelado a mortais. Sua obra na Criação é tão incompreensível como Sua existência."⁵

Referências:

1. Millard J. Erickson, *Christian Theology*, Grand Rapids, MI, Baker Book House, 1985, págs. 480 e 481.
2. Howard J. Van Till, *The Fourth Day: What the Bible and the Heavens Are Telling Us About Creation*, Grand Rapids, MI, Eerdmans, 1986, pág. 247.
3. Howard J. Van Till, *Op. Cit.*, pág. 265.
4. Ernan McMullin, *Zyon*, 28/09/93, pág. 325; e Alvin Plantinga, *Christian Scholar's Review* 21, edição especial 1990, págs. 55 a 79.
5. Landon Gilkey, *Religion and the Scientific Future*, Nova Iorque, Harper & Row, 1970, pág. 4.
6. Ellen White, *Spiritual Gifts*, Washington D.C., R&H, 1945, vol. 3, pág. 93.

Como pastorear crianças

KAREN E RON FLOWERS

*Diretores do Ministério da Família na Associação
Geral da Igreja Adventista*

Para a maior parte dos pastores, a visão de crianças na congregação é um sinal muito bem-vindo e saudável. Elas trazem consigo energia e entusiasmo, vibração e crescimento. Muitas igrejas investem o seu melhor com o objetivo de atrair famílias com crianças. No entanto, pouquíssimos pastores diriam que ministrar a esses pequeninos seres não representa um desafio que vai além de seus limites.

Sob muitos aspectos não existe um curso responsável de ação, exceto a possibilidade de recomendar a família a algum profissional especializado, onde possa obter ajuda. Mas nós também podemos crescer em nossa compreensão das crianças e seus familiares, e desenvolver atitudes que realçarão nossas habilidades para conduzir as situações que surgem, e avaliar nosso desempenho como líderes.

Compreendendo a criança

Em uma aparentemente insignificante ocasião, nossa visão a respeito de crianças foi inescrutavelmente estabelecida. "Cuidado, pastor! Há uma pessoa atrás do senhor", foi tudo o que uma mãe disse enquanto Ron caminhava de costas, estando a ponto de plantar seu pé 44 em cima de alguém, sem que pudesse vê-lo. Virando-se para pedir desculpas à pessoa que quase abalroara, Ron ficou mais surpreso ainda ao não conseguir ver ninguém, pelo menos no nível de seus olhos. Olhando para baixo, entretanto, viu uma pequena garota sorrindo para ele.

"Há uma pessoa atrás do senhor" é um grito que soa em nossos ouvidos muitas vezes, sempre que temos considerado as necessidades das crianças em nossas congrega-

ções. Todas as pessoas devem ser tratadas com respeito e dignidade, devem ser ouvidas e compreendidas, devem ser ministradas de acordo com suas carências e receber os devidos cuidados quando em aflição. Na medida em que olharmos as crianças como pessoas, saberemos adaptar significativamente nosso ministério em favor delas e de seus familiares, realçando a importância desse trabalho.

"Ensina a criança no caminho em que deve andar" (Prov. 22:6) é um texto que, em seu significado mais profundo, enfatiza a importância de considerar as diferenças na criança – diferenças baseadas em temperamento, gênero, estágio de desenvolvimento, posição na constelação familiar, e padrões de crescimento. Muitas dificuldades no desenvolvimento infantil surgem das expectativas irreais que, por sua vez, emergem com certa frequência da falta de compreensão sobre o significado dessas diferenças. Adultos, por exemplo, que ficam esperando uma criança de três anos dividir de boa vontade algo que possui, ou uma criança colérica guardar prontamente suas coisas; meninos e meninas, na primeira infância, gostarem uns dos outros, ou crianças que estão entrando na puberdade partilhar tudo com seus pais, estão condicionando-se a si mesmos para frustrações, se não confrontação.

Os pais necessitam estar seguros de que suas crianças são perfeitamente normais, e isso requer uma ampla análise. Oportunidades para trocar experiências com outros pais e aprender do aconselhamento com outras famílias, devem ser bem aproveitadas. Elas farão surgir novas sugestões aplicáveis à educação, e até produzirão conforto.

Relacionamento

Os pastores que intencionalmente confrontam assuntos pessoais e buscam qualquer ajuda necessária ao firme crescimento em direção à integridade, em sua própria vida, terão um melhor senso de preocupação com as famílias em suas congregações. Também estarão em melhor posição para reconhecer o tipo de comportamento que necessita de avaliação profissional especializada. Então, encorajará e assistirá às famílias envolvidas, na busca e consecução dos recursos disponíveis.

Por exemplo, uma criança que demonstra comportamento sexual além de sua compreensão e experiência, ou que subitamente falta à escola, que usa a violência para derubar outras crianças e outra excepcionalmente esperta que não pode tolerar a rotina dos trabalhos escolares requerem algo mais que simplesmente despertar sua atenção.

O sucesso de um pastor que trabalha com crianças e suas famílias será grandemente proporcional à qualidade do relacionamento pessoal que ele estabeleceu com elas. A visitação regular aos lares dos membros não apenas solidifica relacionamentos, mas também favorece à observação da interação dos pais no lar. Um relacionamento caloroso, de confiança, bem como um diálogo natural e aberto, mantido constantemente, tornarão mais hábil o pastor no treinamento de crianças e suas famílias para tratar de qualquer problema que se apresente.

O terapeuta familiar Edwin Friedman fala do pastor como um treinador, em seu livro *Generation to Generation: Family Process in Church and Synagogue*. Tipicamente, o treinamento pastoral enfatiza o preparo dos pastores para oficiarem eventos familiares, providenciando idéias criativas para a realização de casamentos, dedicação de crianças, funeral, batismo e formatura. Entretanto, Friedman aponta que os pastores mais efetivos são excepcionais, não tanto por serem hábeis oficiantes, por mais importante que isso seja. Ao contrário, o extraordinário sucesso de seu ministério reside na habilidade de maximizar a entrada na vida das pessoas sob seus cuidados e imaginarem-se a si mesmos como orientadores das famílias através das crises e transições da vida.

Assim, torna-se mais importante que os pastores conheçam as famílias dentro do círculo de seus cuidados, e estabeleçam forte relacionamento de abertura e confiança com elas,

do que simplesmente pregar-lhes belos sermões do púlpito. É esse relacionamento que abre o caminho para que o pastor possa entrar no sistema familiar em momentos de necessidade, oferecer encorajamento e esperança, expandir a capacidade imaginativa da família em direção de alternativas mais satisfatórias, e proporcionar uma presença livre de ansiedades, na qual uma época de crise pode ser transformada numa oportunidade de crescimento.

Nunca é demais enfatizar, entretanto, que em casos nos quais se suspeita de abuso infantil, a responsabilidade moral e as leis nacionais requerem a prestação imediata de um relatório aos órgãos de proteção da criança. Esse curso de ação providencia que o melhor trato seja dispensado às vítimas envolvidas, e a reabilitação do criminoso. A responsabilidade do pastor é relatar as evidências do abuso, cooperar com as agências governamentais e dispensar cuidado pastoral e apoio às famílias, enquanto o processo legal tem seu curso e o autor do crime está sob terapia para reabilitação.

Orientação necessária

Muitas vezes, nossa resposta à criança é reativa em lugar de ser proativa. Nossa tendência é reagir ao comportamento e buscar transformá-la segundo nossos padrões adultos, sem muita consideração pelas razões que motivaram sua ação. Necessitamos lembrar que a maioria das formas de comportamento é dirigida pela necessidade. Em seus livros *How to Really Love Your Child* e *How to Really Love Your Teenager*, o psicólogo infantil Ross Campbell argumenta de forma convincente no sentido de que se colocarmos maior ênfase em satisfazer a criança em sua necessidade de amor, atenção, toque afetivo, nutrição espiritual, diálogo aberto, limites razoáveis, suave mas firme disciplina, e cuidado pela saúde física, teremos andado um bom caminho na direção de corrigir comportamentos impróprios e formar crianças saudáveis em todos os sentidos.

Certo garoto tornou-se, subitamente, muito introvertido e pareceu querer evitar o contato com seus colegas de escola. Num dia, a professora observou o usualmente amistoso menino escapulir de sua carteira, mal o sino acabara de tocar, e deixar a escola correndo pelos fundos, enquanto a classe era despedida. Informado de tão embaraçoso comportamento, um pastor que adotara a orientação necessária,

primeiramente surpreendeu-se de que o aluno estivesse agindo daquela maneira. Bastaram, no entanto, uns poucos minutos de conversa amigável e disposição para ouvir, para que o menino revelasse a fonte do problema.

Seu pai, um homem muito econômico, tinha comprado para ele algumas calças em uma liquidação. Infelizmente, para o garoto, as calças eram do tipo boca-de-sino, enquanto os demais estavam usando modelo diferente. Isso fazia com que ele se sentisse fora do grupo. Foram então tomadas providências para que as calças tivessem seu corte adaptado ao modelo comum. Quando o garoto passou a usá-las dessa forma, seu comportamento também voltou ao normal.

Sistema familiar

Algumas pessoas têm dito não existir alguma coisa como um indivíduo, mas peças de família. Em toda família essas "peças" estão entrelaçadas juntas num sistema. Laços afetivos existem entre cada pessoa e cada indivíduo na família. Todos os movimentos feitos por qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos dentro dessa rede, repercutem nos demais. Em geral, os jovens são menos preparados para harmonizar apropriadamente mudanças ou conflitos

em seu sistema relacional íntimo. Eles também tendem a ser menos sofisticados que os adultos em mascarar os distúrbios domésticos. Demonstram o que sentem. O comportamento e as atitudes da criança freqüentemente servem como barômetro para o funcionamento íntimo da família como um todo e são indicadores da influência exercida pelo sistema sobre seus indivíduos.

Certa vez, tivemos a oportunidade de ouvir Dennis Guernsey, professor de Sociologia da Família, no Seminário Fuller, relatar uma experiência que ele viveu quando ainda era um jovem pastor e tentava fazer amizade com um moço que tinha problemas com a polícia. Desejoso e firmemente determinado a ver o jovem experimentar um novo come-

ço na vida, ele o encorajou a cuidar de seu corpo, providenciando-lhe novas roupas. Ajudou-o a conseguir trabalho, durante parte do dia, e o envolveu no círculo de jovens da igreja e de sua própria família. Dennis estava tão orgulhoso com o progresso do rapaz, que começou a contar sua história como um testemunho do poder transformador de Deus. Foi então que, um dia, à meia-noite, o telefone tocou. Do outro lado da linha souo a voz de um policial sob cuja custódia seu jovem amigo estava. Dennis correu à delegacia, e lá pôde ver o moço no qual tinha investido tanto. Seu olhar refletia a grande pergunta de seu coração: "Por quê?" O jovem, como se estivesse lendo seu interior, murmurou: "Você não pode compreender. Você não vive onde eu vivo."

É essencial para o sistema familiar a teoria de que esse entrelaçamento de relacionamentos fechados constantemente leva à homeóstase. Isto é, busca-se a estabilidade, um estado de equilíbrio. A família busca operar através de leis tácitas com o objetivo de produzir equilíbrio emocional, senso de um

tado normal. As crianças freqüentemente assumem papéis difíceis e estressantes na vida, para ajudar suas famílias a conquistar e manter tal equilíbrio — papéis como o de um herói, que assume a responsabilidade pela manutenção da integridade do sistema e de sua imagem posi-

O objetivo do ministério às crianças e seus familiares é o fortalecimento da unidade familiar como um centro de formação de discípulos.

tiva; o do mascote, que procura distrair a família, fazendo-a fugir de suas mágoas internas; e o do bode expiatório, que carrega sobre si a culpa das dificuldades do sistema e conquista um certo tipo de harmonia entre os outros membros, cuja focalização tem sido transferida para o comportamento desequilibrado do bode expiatório. A observação desse papéis nos filhos leva-nos a olhar mais atentamente para o funcionamento relacional da família. Enquanto a criança aparece como um paciente necessitando de tratamento, na realidade o paciente é a própria família.

A hipótese de que um significativo comportamento sintomático na criança está ligado ao conflito no relacionamento de seus pais, tem-se provado tão ajudadora que de-

veria ser considerada no trabalho de aconselhar crianças e seus pais. Por exemplo, certa mãe perguntava-se por que seus filhos – primogênito e caçula – brigavam mais quando o pai estava no lar, do que quando estava no trabalho. Numa entrevista com os pais, interrogamos-lhes a respeito de seu relacionamento conjugal e descobrimos que eles não se comunicavam de modo saudável; viviam em conflito constante e, virtualmente, não tinham vida privada. Enquanto eles descreviam o cenário típico das lutas entre os filhos, foram ajudados a ver seu sistema familiar em ações previsíveis: contendas e pai irado; pai como administrador de disciplina; filhos pedindo ajuda à mãe; mãe aproximando-se do pai para discutir as necessidades dos filhos; filhos brincando satisfeitos, enquanto pai e mãe estão juntos conversando. Sugerimos que uma melhora intencional no relacionamento dos pais, que seja visível pelos filhos, provavelmente levará à melhora de comportamento por parte dos filhos.

Conflitos ou insatisfação no casamento podem resultar na formação de uma criança que, intencional ou inadvertidamente, possa influenciar no relacionamento conjugal de uma forma chamada triangulação. No exemplo dado anteriormente, uma criança procurou fechar a brecha entre os pais, levando-os a focalizarem juntos um problema infantil. Outro tipo de triangulação ocorre quando a criança torna-se um cônjuge-substituto, isto é, um dos pais busca satisfação emocional de maneira imprópria na criança, em lugar de procurá-la em seu próprio cônjuge. Semelhantemente, uma criança pode tornar-se um pai-substituto, devido à ausência emocional ou física de um dos pais. O cônjuge presente encontra um parceiro na criança e, por designação ou omissão, as responsabilidades paternas e maternas por outros irmãos acabam sendo assumidas por essa criança.

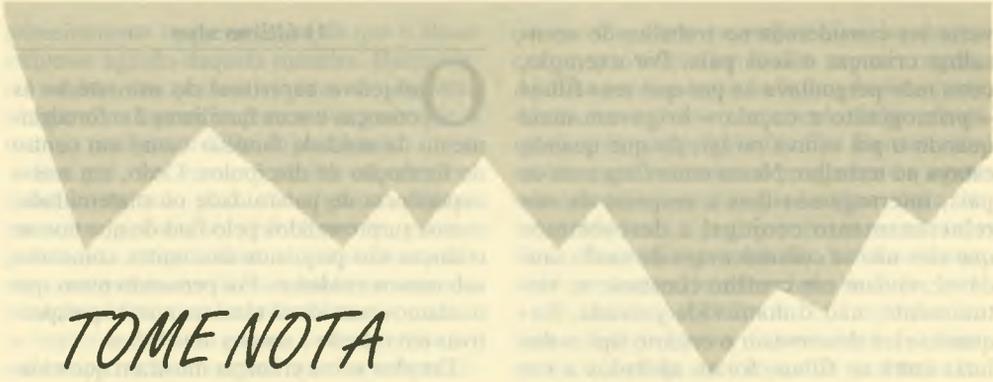
Em quaisquer desses tipos de triângulos, uma criança é lançada além dos limites de sua geração e tirada de sua posição apropriada no sistema da família. Assim, qualquer coisa que possa ser feita para melhorar o relacionamento conjugal e deixar a criança ser uma criança entre seus irmãos, fortalecerá o apropriado limite de geração, ajudará na diferenciação do processo e restaurará o funcionamento saudável do sistema.

Objetivo espiritual do ministério às crianças e seus familiares é o fortalecimento da unidade familiar como um centro de formação de discípulos. Cedo, em nossa experiência de paternidade ou maternidade, somos surpreendidos pelo fato de que nossas crianças são pequenos descrentes colocados sob nossos cuidados. Foi pensando nisso que mudamos consideravelmente nossas perspectivas em relação a nossos dois filhos.

Estudos sobre crianças mostram que existem princípios críticos particularmente ambientais para um desenvolvimento infantil saudável. Esses princípios incluem a presença de relacionamento cálido e positivo, poucos papéis básicos formados pela família com o objetivo de proteger as necessidades de todos, diálogo aberto, atmosfera de apoio e cuidado, e um ambiente no qual as crianças possam de bom grado assumir tarefas que as tornarão preparadas para as responsabilidades da vida adulta. Famílias que possuem esses traços são as que mais provavelmente formam crianças que adotarão valores espirituais, desenvolverão elevado nível de maturidade espiritual, e considerarão as necessidades alheias como suas.

Os pais necessitam ver tal estilo de gerenciamento familiar modelado em seu meio. Na verdade, eles não necessitam de modelo perfeito. Afinal, nenhuma família pastoral pode prover isso. Mais significativo, as famílias pastorais podem dar a visão de uma família estreitamente ligada aos ideais de Deus, ao mesmo tempo que exemplificam a disposição de perdoar e de reconciliar-se mutuamente quando existe alguma falha. Nossa tarefa é levar nossas crianças ao Salvador que encontramos.

Um dos maiores desafios da vida é a conquista de um nível de maturidade no qual somos responsabilmente independentes e, ao mesmo tempo, saudavelmente interdependentes. Preparar nossos filhos para essas duas experiências é a responsabilidade que temos como pais. Pastores que trabalham com crianças e seus familiares farão bem em buscar capacitar os pais para firmemente desamarra-los seus filhos, criando-os como indivíduos livres, capacitando-os a tomar suas próprias decisões e responsabilidades apropriadas à sua idade e ao seu nível de maturidade. Crianças necessitam tanto de raízes como de asas.



TOME NOTA

SERÃO REALIZADOS QUATRO GRANDES CONCÍLIOS MINISTERIAIS EM 1997!

CONFIRA A NOVA DATA E O LOCAL ONDE SUA UNIÃO ESTARÁ PARTICIPANDO:

01 a 05 de julho – Iaene – Uniões Norte e Nordeste

08 a 12 de julho – IAE-Ct – Uniões Central, Este e Sul

15 a 19 de julho – Puigari – Uniões Austral e Chilena

22 a 26 de julho – ÑAÑA – Uniões Peruana e Boli-
viana, Missões Equatorianas do
Norte e do Sul

**PARTICIPAÇÃO DOS LÍDERES DA ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL
DA ASSOCIAÇÃO GERAL E DA DIVISÃO SUL-AMERICANA**

AFAM

A segunda prioridade

RICH DuBOSE

Diretor associado do Centro de Recursos da Igreja na União do Pacífico, Estados Unidos.

Qualquer filho de pastor aprende desde cedo que todas as coisas praticamente giram em torno da igreja. Pelo menos, era assim que eu percebia a marcha dos acontecimentos quando era ainda um menino em fase de crescimento. Meu pai pastoreava uma igreja grande. Nossos sábados eram extraordinários. A programação da Escola Sabatina e o serviço do Culto Divino, o almoço informal com todos os irmãos, ao meio-dia, as reuniões vespertinas, o Encontro Jovem, a despedida do sábado e a recreação durante a noite; não havia um só momento desagradável.

Meu pai passava muitas horas em reuniões de comissão e outras atividades relacionadas com a igreja que, muito freqüentemente, o mantinham fora de casa durante a noite. Nosso telefone tocava quase sem parar. Algumas vezes, os irmãos ligavam simplesmente para saber a hora em que faríamos o culto de pôr-do-sol do sábado, ou para perguntar o número do telefone de alguém.

Quando chegavam as férias, o último lugar no qual passávamos, antes de sair da cidade, era a igreja. Meu pai sempre tinha algo que deixar no escritório, ou recolher al-



guma correspondência. E nós esperávamos dentro do carro, no estacionamento, enquanto minha mãe tratava de distrair a mim e meus três irmãos. Aqueles dias, de qualquer forma, foram inesquecíveis.

Equilíbrio

No entanto, não pensem os leitores que estou me queixando. Sinceramente, não. Eu costumava dizer a meu pai que nunca seria um pastor, por tudo quanto tinha visto nos bastidores. Porém, minis-

trar às pessoas, ajudá-las a encontrar sentido para a vida, solução para problemas, conforto para a dor e, sobretudo, a salvação em Cristo, é algo muitíssimo satisfatório. Agora que sou pastor, descobri que quando estabelecemos adequadamente um equilíbrio entre a família e as atividades pastorais, o positivo pode superar o negativo.

Embora nossa Igreja sempre tenha considerado o matrimônio e a família como instituições sagradas, a atitude dos administradores sempre me pareceu indicar que a ordem das prioridades deveria ser: Deus, a Igreja e a família. Essa era a situação quando ingressei nas fileiras ministeriais, na década de 70. Através dos anos, percebi que tal ordem de prioridades tem mudado, de modo que agora aceita-se a seguinte: Deus, a família e a Igreja. Mas essa mudança foi produzida por necessidade, já que o exercício desequilibrado do ministério tem destruído muitas famílias pastorais.

Evidentemente, não pretendo ter todas as respostas, nem a palavra final, para solucionar o problema. Todavia, levando em consideração que cresci como filho de pastor, e que tenho pastoreado durante 15 anos igrejas grandes e pequenas, pude recolher alguns pedacinhos da colcha de retalhos, e peças do quebra-cabeças que se chama sobrevivência familiar. Não é algo sumamente profundo, porém, você poderá descobrir que atrás das seguintes sugestões estão implícitas outras coisas.

Dicas de sobrevivência

Assim sendo, para que você se torne um líder efetivo em sua igreja, sem prejuízos para a família, coloque em prática as sugestões que seguem:

1. Beba diariamente da Fonte de Água da Vida.
2. Lembre-se sempre de que a família é um precioso jardim que deve ser cultivado diariamente.
3. Busque formas de ser construtivo e positivo em seu lar.
4. Saiba como elevar um cometa e como

A contribuição mais significativa do pastor para sua igreja é a forma como ministra aos membros de sua própria família.

realizar tarefas simples, como praticar esportes.

5. Ouça com atenção os membros da igreja que sentam diariamente à sua mesa.

6. Não gaste mais dinheiro do que recebe mensalmente.

7. Saiba reconhecer o momento em que deve afastar-se um pouco das atividades da igreja para dedicar-se à família.

8. Inclua sua esposa, tão frequentemente quanto seja possível, em seus compromissos.

9. Saiba quando deve ignorar as chamadas telefônicas.

10. Tire férias, regularmente, com sua família.

11. Pratique a arte de delegar responsabilidades na igreja.

12. Torne atraentes os cultos familiares e saiba como massagear costas e colocar crianças para dormir.

13. Jamais desconsidere os sentimentos dos membros de sua família, por mais insignificantes que pareçam ser.

14. Admita seus erros e tire lições deles.

Tarefa principal

Como líderes, a tarefa mais importante que realizamos para nossas igrejas não é aquela da qual nos desincumbimos no púlpito, em reuniões da comissão ou nos lares dos membros. Nossa contribuição mais significativa será a forma como ministramos aos membros de nossa própria família, aqueles que constituem o nosso núcleo familiar.

Como bem o disse Ellen White, "coisa alguma pode desculpar o ministro de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar que fez ele para atrair para Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo. O grande bem, feito a outros, não pode cancelar o débito que ele tem para com Deus, quanto a cuidar dos próprios filhos. Deve haver na família do ministro uma unidade que pregue um sermão eficaz sobre a piedade prática". — Obreiros Evangélicos, pág. 204.



Paz na Tempestade

Caminho a Cristo,
agora em forma
de revista, toda
ilustrada e em

cores, para ajudá-lo
em seu ministério pessoal pelo
preço de um folheto. Adquira
quantas você quiser e dis-
tribua entre seus amigos,
parentes e vizinhos. Eles lhe
serão sempre agradecidos.
Peça ainda hoje a um de nos-
sos representantes ou direta-
mente conosco. Confira!

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 – CEP 18270-000 – Tatuí, SP
Tel. (015) 251-2710 – Fax (015) 251-2810



BIBLIOTECA DO PASTOR

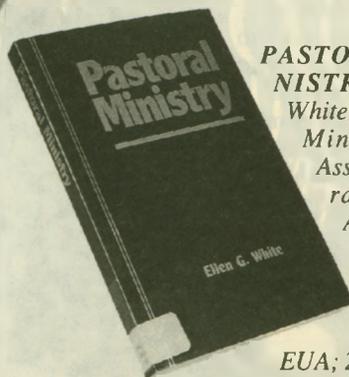


SUNDAY'S COMING!

– G. Edward Reid, Review and Herald Publishing Association, Hagerstown, Maryland, EUA; 251 páginas.

As profecias do Apocalipse apontam a união de poderosas forças do mundo político e religioso para a batalha culminante

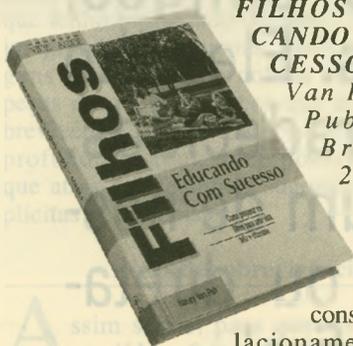
do grande conflito entre o bem e o mal. Católicos e evangélicos dos Estados Unidos movem-se nos bastidores, e mesmo em público, no sentido de consolidar tal união. G. Edward Reid, diretor de Mordomia Cristã da Divisão Norte-Americana, mostra e analisa documentos atuais e afirmações que comprovam a ação dessas forças.



PASTORAL MINISTRY

– Ellen White, Associação Ministerial da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Silver Spring, Maryland, EUA; 287 páginas.

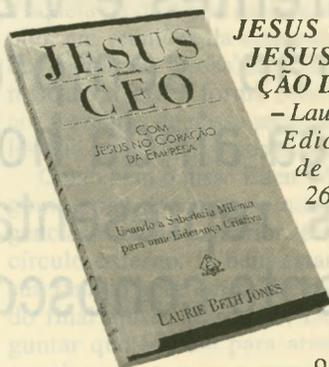
Durante mais da metade de um século, Ellen White trabalhou relacionada com ministros do evangelho, e partilhou com eles inspirados conselhos. Ela possuía uma elevada visão acerca do chamado pastoral, o que pode ser comprovado em muitas declarações feitas, como por exemplo: “O ministro do evangelho está engajado em uma solene e sagrada obra.” Do rico tesouro de seus escritos, compiladores reuniram uma seleção de conselhos que, embora sejam mais diretamente aplicáveis ao pastor de igreja, beneficiarão todos aqueles que se sentem chamados para o ministério.



FILHOS - EDUCANDO COM SUCESSO

– Nancy Van Pelt, Casa Publicadora Brasileira; 253 páginas.

Pais e mães precisam construir um relacionamento sadio com os filhos. Pastores e líderes em quaisquer instâncias, que sejam pais, também necessitam viver essa experiência. Este livro ensina como conseguir isso. Enfatiza a importância dos primeiros anos de vida e insiste no desenvolvimento do respeito próprio como fator determinante do sucesso na vida. A autora é mãe de três filhos e tem larga experiência como educadora e conferencista sobre assuntos conjugais e familiares.



JESUS CEO - COM JESUS NO CORAÇÃO DA EMPRESA

– Laurie Beth Jones, Ediouro S/A, Rio de Janeiro; RJ, 269 páginas.

É um guia prático, que ensina o caminho passo a passo para o bom relacionamento e a motivação das pessoas. Baseia-se nas habilidades de autodomínio, ação e relações que Jesus usou para treinar e incentivar Seu grupo. Elas podem ser aplicadas em empresas, serviços ou empreitadas que dependam de mais de uma pessoa para que os objetivos sejam atingidos.